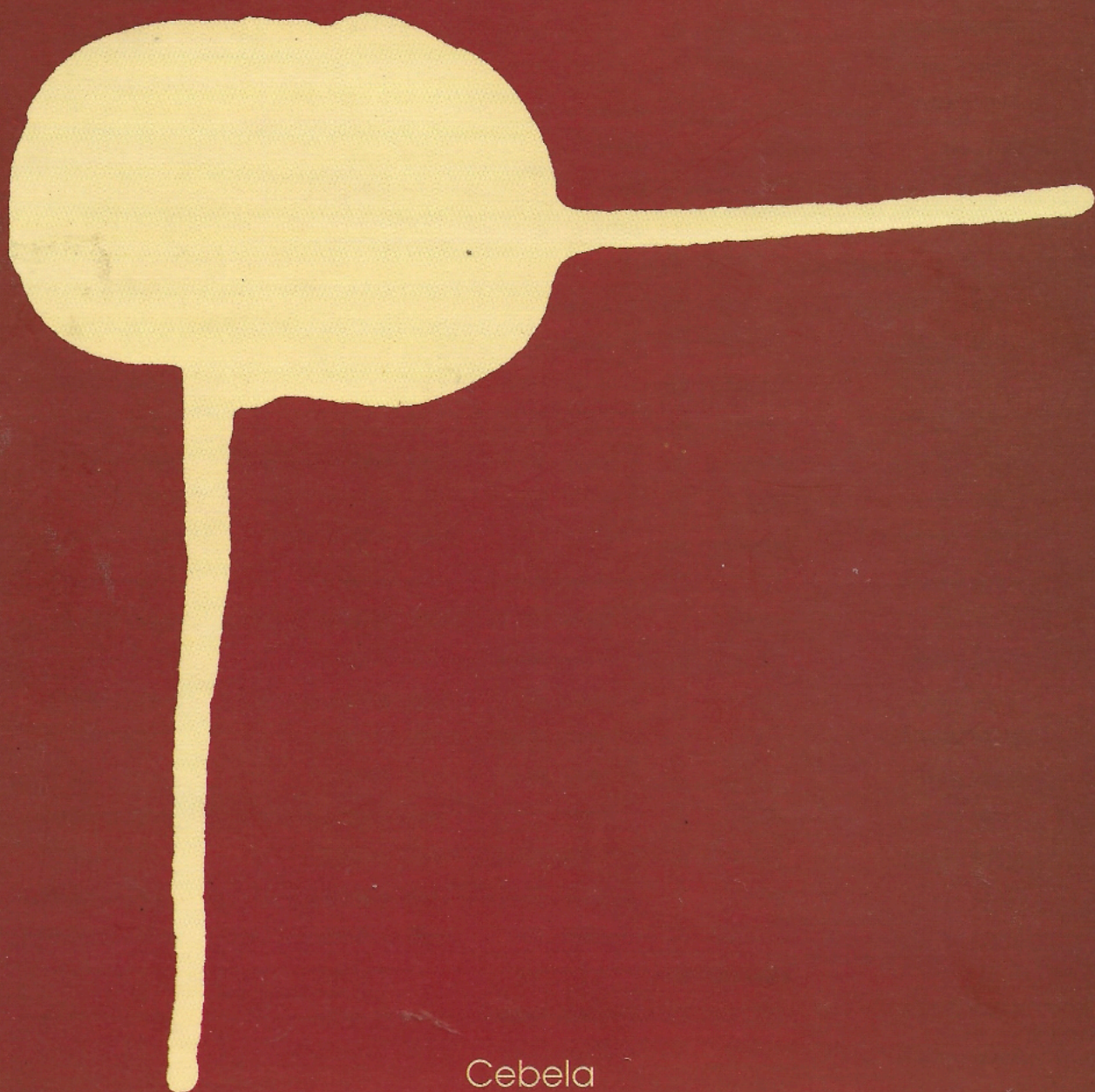


Comunicação & política

Volume IV, nº 3, nova série, setembro-dezembro 1997



Cebela

Comunicação & política

Colégio editorial: Elizabeth Rondelli (editora), Cesar Guimarães, Ingrid Sarti, Jorge Werthein, Roberto Amaral e Venício A. de Lima.

Conselho editorial: Antônio Houaiss (Presidente), Afonso de Albuquerque, Afrânio Mendes Catani, Ana Arruda Callado, Antonio Albino Canelas Rubim, Antonio Pasquali, Armand Mattelart, Carlos Alberto Messeder Pereira, Ciro Marcondes Filho, Eduardo Diatahy B. de Menezes, Elias Machado Gonçalves, Eliseo Verón, Enrique González-Manet, Fernando Reyes-Matta, Gabriel Cohn, Geraldo Sarno, Gisela Taschner, Guillermo O'Donnell, José Carlos Avellar, José Vidal Beneyto, Lúcio Félix Kowarick, Luiz Gonzaga Motta, Marcos Palácios, Maria Arminda Arruda, Maria Céres Spínola Castro, Mauro Porto, Paulo Bonavides, Raquel Meneghello, Sérgio Caparelli e Wilson Gomes.

In memoriam: Leon Hirszmann, Antonio Estevam de Lima Sobrinho, Darcy Ribeiro e Herbert-José de Souza.

Editores correspondentes no exterior:

Marco Antonio Rodrigues Dias (Paris), Diego Portales (Santiago de Chile), Elisabeth Safar (Caracas), María Eugenia García Raya (Bogotá), Raúl Trejo Delarbre (México), Giuseppe Richeri (Bolonha), Hector Schmucler (Córdoba-Ar.), Rafael Roncagliolo e Luis Peirano (Lima), Enrique Bustamante (Madri), Miguel de Moragas i Spá e Miquel Rodrigo i Alsina (Barcelona), Oscar Landi e Ana Maria Nethol (Buenos Aires), John Keane (Londres), Robert A. White (Roma), Elizabeth Fox (Washington D.C.) e Leonard Henny (Utrecht).

Imagem da capa: Anna Maria Maiolino. Título: Série Codificações Matéricas, 1994. acrílico sobre papel.

Projeto da capa: Barbara Szaniecki

Revisão de textos: Susana Amaral

Diagramação & produção gráfica: Philipp Kemper

Impressão: *Jornal do Brasil*

O Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos (Cebela) é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com sede e foro na cidade de Rio de Janeiro. Reúne cientistas sociais, comunicadores e intelectuais em geral. Entre seus objetivos, estão a promoção de estudos e pesquisas nas ciências sociais, especialmente os que relacionam comunicação e política, e o intercâmbio e a cooperação entre instituições e profissionais da América Latina.

Comunicação & política é uma publicação quadrimestral do *Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos* (Cebela).

Diretor comercial: Carlos Aquiles Siqueira

Diretor de vendas e circulação: Jaime W. Cardoso

Distribuição e correspondência comercial: números avulsos, assinaturas, anúncios, circulação:

Editora da Fundação Getúlio Vargas

- setor de vendas -

Praia de Botafogo, 190 / sala 607

CEP 22253-900, Rio de Janeiro (RJ).

Tel.: 021-5369196/5369195

Fax: 021-5369155/5510948

Correio eletrônico: gondimjm@fgv.br

Nº avulso: R\$ 12,-

Nº atrasado: R\$ 8,-

Exterior: US\$ 16,-

Assinatura (3 números)

Brasil: R\$ 30,-

Exterior: US\$ 45,-

C&p

Rio de Janeiro

n.s., v.4, n.3

p.1-244

R349 -

Comunicação & política, - v.1

v.1, n.1, março/maio 1983 / Rio de Janeiro. Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, Cebela

v. 16x23 cm, trimestral

v.1, n.1 (Nova série) agosto/novembro 1994

v. 14x21 cm, quadrimestral editada nos meses jan/abril; maio/agosto e setembro/dezembro;

1. Comunicação 2. Ciência política 3. Estado 4. Brasil 5. América Latina I- Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos II- Amaral, Roberto, Editor; III- Ferreira, Maria Nazareth, Editor; IV- Rondelli, Elizabeth

86-0369

ISSN 0102-6925

CDD-320.98

CDU-32 (8)

A eleição presidencial de 1994 no Brasil: uma contribuição à geografia eleitoral^{*#}

*Cesar Romero Jacob
Dora Rodrigues Hees
Philippe Waniez
Violette Brustlein*

Fonds Documentaire IRD
Cote : B * 21423 Ex : 1

Introdução

A análise das eleições presidenciais no Brasil do ponto de vista geográfico não tem se constituído numa tradição de pesquisa em ciências sociais. A interrupção da realização de eleições diretas para a Presidência da República, por um período de vinte e nove anos, apresenta-se como um fator de desestímulo aos estudos de geografia eleitoral no País. Desse modo, ao contrário do que se observa em outros países, a geografia eleitoral, no Brasil, encontra-se ainda embrionária.

* Este artigo apresenta, em preto e branco, apenas alguns dos mapas, em cores, contidos no CD-Rom Atlas Eleitoral da Nova República que reúne cerca de 600 mapas relacionados às eleições presidenciais de 1989 e 1994 e aproximadamente 300 cartas demográficas e sócio-econômicas, a partir do Censo Demográfico de 1991. Todos os mapas foram realizados (em Macintosh, com o programa Cabral 1500) com base na malha municipal e representam os resultados eleitorais e os dados contextuais segundo quatro níveis geográficos: o Brasil, as cinco grandes regiões, os vinte e seis estados da Federação e o Distrito Federal, além das oito regiões metropolitanas. As cartas são complementadas por gráficos e comentários. Os autores gostariam de agradecer ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) pelo fornecimento de dados e mapas de divisões territoriais.

Atlas Eleitoral Geográfico acima referido, cujo resumo se publica neste artigo, está disponível aos leitores e assinantes de Comunicação & Política e aos associados do Cebela, na íntegra, portanto contendo os 900 mapas mencionados, em versão CD-Rom MAC. Os pedidos devem ser dirigidos ao Cebela. O atendimento será gratuito N.E.

Fonds Documentaire IRD



010021423

Com o restabelecimento de eleições diretas para a Presidência da República, após o período de ditadura militar, os resultados dos pleitos de 1989 e 1994 poderão fornecer importantes informações para a identificação das atuais estruturas políticas do País. Com a continuidade do processo democrático, será possível desenvolver as bases de uma geografia eleitoral, para o qual é necessário um período longo de observação, capaz de mostrar certos padrões de comportamento eleitoral, no conjunto do território brasileiro. Nesse sentido, deve-se ressaltar a importância de estudos que considerem eleições de caráter nacional, uma vez que as de âmbito municipal ou estadual apresentam-se, frequentemente, impregnadas de questões locais que impedem a identificação de padrões de comportamento eleitoral em relação às correntes políticas nacionais. Além disso, os dados eleitorais devem ser confrontados com informações de outra natureza, uma vez que a expressão política é influenciada por numerosos fatores, como os de ordem demográfica, social e econômica. Assim, a geografia eleitoral pode ser reveladora de situações peculiares e meio de compreender o comportamento político dos eleitores brasileiros.

Com vistas à identificação de diferentes estruturas da geografia eleitoral nas eleições presidenciais de 1994, foram selecionados oito estados da Federação: Ceará, Pernambuco e Bahia, na Região Nordeste, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, na Região Sudeste, e Paraná e Rio Grande do Sul, na Região Sul. Tais estados, representativos de diferentes Regiões do País, foram escolhidos pela sua importância eleitoral, uma vez que reúnem 73,0 % do eleitorado brasileiro, além do fato de suas elites políticas situarem-se, frequentemente, no comando da Federação. O presente trabalho, apesar de se limitar à análise de uma eleição presidencial, a de 1994, e de considerar apenas o estudo de oito unidades da Federação, representa uma tentativa de identificação de padrões mais gerais, comuns aos diferentes estados, e de situações peculiares, específicas de determinadas áreas.

1. Os candidatos e seus desempenhos

As eleições presidenciais de 1994 foram disputadas por oito candidatos, num contexto de 'eleição casada', isto é, realizada simultaneamente com as eleições para o Senado Federal, a Câmara dos Deputados, os Governos Estaduais e as Assembléias Legislativas.

A análise das eleições de 1994 levará em conta os seis candidatos mais votados no País, dos quais, três deles possuíam bases eleitorais em São Paulo, como Orestes Quércia (PMDB), Luis Inácio Lula da Silva (PT) e Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Os demais candidatos tinham suas bases eleitorais em outros estados: Leonel Brizola (PDT), no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, Esperidião Amin (PPR), em Santa Catarina, e Enéas Carneiro (PRONA), no Rio de Janeiro.

Os diferentes desempenhos eleitorais nessas eleições, relacionam-se, em grande medida, à capacidade de os candidatos estabelecerem alianças políticas, pois, especialmente, num contexto de 'eleições casadas', tem-se o fortalecimento dos candidatos de uma determinada coligação partidária, em decorrência do apoio recíproco entre o postulante à Presidência e os candidatos a eleições nos demais níveis.

Assim, Esperidião Amin, do Partido Progressista Reformador (PPR), partido que se encontra implantado nacionalmente, apresentou fraco desempenho eleitoral, sobretudo, pelo fato de não ter estabelecido alianças políticas. Na verdade, o candidato que já foi Prefeito de Florianópolis (1975), Deputado Federal (1979), Governador de Santa Catarina (1983) e, atualmente, é Senador, concorreu no lugar de Paulo Maluf, que, derrotado nas eleições de 1989, procurava evitar expor-se a um novo fracasso eleitoral. Amin obteve o sexto lugar entre os principais candidatos, com 2,75 % dos votos válidos, alcançando votação expressiva em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Da mesma forma, Leonel Brizola, do Partido Democrático Trabalhista (PDT), apresentou fraco desempenho eleitoral, pois, além de seu partido não se encontrar estruturado em todo o País, o candidato não estabeleceu alianças com outras agremiações políticas. Brizola que foi Governador do Rio Grande do Sul (1959) e, por duas vezes, governou o Rio de Janeiro (1983 e 1991) teve sua imagem desgastada, principalmente, em função da má administração que caracterizou o seu segundo mandato à frente do governo desse Estado. Assim, Brizola obteve o quinto lugar entre os principais candidatos, com 3,19 % do total nacional de votos, alcançando votação expressiva somente nos estados do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro. Tal resultado contrasta enormemente com o seu desempenho nas eleições presidenciais de 1989, quando obteve o terceiro lugar, perdendo para Luis Inácio Lula da Silva, por pequena margem, a oportunidade de enfrentar Collor no segundo turno.

Igualmente, Orestes Quércia, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), apresentou fraco desempenho eleitoral, pois, além de não ter contado com o apoio dos líderes de seu partido na maioria dos estados da Federação, não estabeleceu alianças políticas. Quércia, que foi Senador (1974) e Governador de São Paulo (1986), obteve o quarto lugar entre os principais candidatos, com 4,38 % dos votos válidos. Este resultado em muito difere do desempenho de seu partido, que conseguiu eleger, nessas mesmas eleições, as maiores bancadas no Senado e na Câmara, bem como expressivo número de governadores estaduais. Cabe lembrar, ainda, que o PMDB, maior partido brasileiro, repetiu com Orestes Quércia o mesmo comportamento que teve em relação a Ulisses Guimarães, nas eleições presidenciais de 1989, quando abandonou o candidato à própria sorte.

Quanto a Enéas Carneiro, do Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA), que se situou em terceiro lugar, com 7,39 % dos votos válidos, apresentou desempenho surpreendente, apesar de se tratar de um candidato de partido sem expressão nacional, que não conseguiu eleger nenhum senador, deputado federal ou governador de estado nessas mesmas eleições. Com votações expressivas nas áreas mais urbanizadas, Enéas teve seus melhores desempenhos no Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Distrito Federal. O candidato, que nunca exerceu cargo político, concorreu à Presidência nas eleições de 1989, situando-se em décimo segundo lugar. Em 1994, Enéas apresentou um crescimento considerável, graças a um estilo agressivo e a um discurso nacionalista, por muitos considerado neofascista.

Os dois candidatos mais bem situados nas eleições de 1994, Luis Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), e Fernando Henrique Cardoso, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), tiveram suas candidaturas fortalecidas, em grande parte, na medida em que estabeleceram alianças com outras agremiações políticas. Assim, Lula apresentou-se às eleições liderando uma frente que, além do PT, compunha-se de pequenos partidos de esquerda, tais como o PSB, PC do B, PPS, PSTU e PV. Com 17,2 % dos votos válidos, no primeiro turno das eleições presidenciais de 1989, Lula acusou crescimento nas eleições de 1994, ao alcançar 27,04 %. No entanto, este resultado representou um retrocesso se comparado aos 47,0 % dos votos obtidos no segundo turno de 1989. Tal situação pode ser explicada, entre outras razões, pelo fato de Brizola, que o havia apoiado no segundo turno de 1989, ser

também candidato em 1994. Além disso, o PSDB, que teve Mario Covas como candidato em 1989 e que também apoiara Lula no segundo turno, apresentou, em 1994, Fernando Henrique Cardoso como postulante à Presidência.

Lula surge na vida política como Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, na Região Metropolitana de São Paulo, liderando as greves operárias ocorridas nos anos de 1978 a 1980, que, como se sabe, eram proibidas pela ditadura militar existente no País. Participa da fundação do PT, em 1980, partido que buscou aglutinar os setores de oposição ao regime militar, à esquerda do PMDB de Ulisses Guimarães e do PDT de Leonel Brizola. Com o objetivo de torná-lo um partido nacional, suas lideranças procuraram, desde sua fundação, implantá-lo em todo o País, utilizando-se, dentre outros instrumentos, do lançamento de candidaturas próprias nas eleições ocorridas a partir de então. Seguindo tal orientação, Lula concorreu ao governo do estado de São Paulo, em 1982, quando foi derrotado pelo Senador Franco Montoro. Em 1986, foi eleito Deputado Federal e, em 1989, candidatou-se à Presidência da República, na primeira eleição direta realizada após o fim da ditadura militar.

Fernando Henrique Cardoso, sociólogo, professor universitário e intelectual renomado, lançou-se à política em 1978, quando se candidatou ao Senado pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido que reunia a oposição ao regime militar. Conseguindo eleger-se suplente do Senador Franco Montoro, assume a cadeira de senador, quando este torna-se governador do estado de São Paulo, em 1983. Elegeu-se novamente senador, em 1986, por um período de oito anos, pelo PMDB, partido que substituiu o MDB. Em 1992, após o *impeachment* do Presidente Fernando Collor, tornou-se ministro do Governo Itamar Franco, ocupando, sucessivamente, os cargos de Ministro das Relações Exteriores e da Fazenda. Durante o período em que foi Ministro da Fazenda, preparou o Plano Real, que, ao promover a estabilização da economia, viabilizou o lançamento de sua candidatura à Presidência.

Fernando Henrique, apesar de sua trajetória política de esquerda, apresentou-se às eleições presidenciais de 1994 liderando uma frente que, além do PSDB, compunha-se de partidos conservadores, tais como o PFL, PTB, PP e PL. Tal coligação, na verdade, representou uma aliança do PSDB, partido implantado solidamente apenas em São Paulo e no

Ceará, com o Partido da Frente Liberal (PFL), com base política, sobretudo, na Região Nordeste. Além de tais alianças e do Plano Real, o candidato contou também com o apoio do Presidente Itamar que, à época das eleições, alcançava um índice de aprovação popular ao seu governo de 82,0 %, fato raro em final de mandato de um Presidente no Brasil. Assim, Fernando Henrique Cardoso, com tal base de apoio à sua candidatura, vence as eleições de 1994, já no primeiro turno, com 54,27 % dos votos válidos.

2. Fatores da geografia eleitoral

Num país tão vasto e diversificado como o Brasil, o resultado final de uma eleição não deve esconder a extrema diferenciação geográfica da expressão eleitoral ligada a numerosos fatores, tais como, os contrastes na ocupação do território, os níveis de desenvolvimento e os desequilíbrios sociais. Nesse sentido, foi objeto de mapeamento, um conjunto de indicadores, a nível municipal, baseados nos dados do Censo Demográfico de 1991, da Fundação IBGE.

A análise da distribuição espacial das variáveis selecionadas que contemplam aspectos relativos à dinâmica demográfica, à urbanização, à alfabetização e aos rendimentos, revela padrões que se caracterizam por uma grande diversidade quando se considera o País como um todo. Assim, observa-se uma acentuada diferença, entre áreas de ocupação mais antiga e mais estruturada, que compreendem as Regiões Nordeste, Sudeste e Sul, e aquelas cuja ocupação se encontra em processo de expansão, como as Regiões Norte e Centro-Oeste, principalmente, quanto à densidade demográfica e à variação populacional.

As áreas de ocupação consolidada, por sua vez, apresentam, também, grandes diferenças interregionais, notadamente entre o Nordeste e as Regiões Sudeste e Sul, sobretudo no que diz respeito aos níveis de alfabetização e às discrepâncias de rendimentos. Muitos contrastes se observam, também, no âmbito intra-regional, principalmente, entre o Nordeste Oriental e o Nordeste Ocidental, bem como entre a metade-norte de Minas Gerais e o restante do Sudeste.

Da mesma forma, identificam-se muitas diferenças entre as Regiões Norte e Centro-Oeste, principalmente, quanto aos níveis de urbanização e de alfabetização de sua população. No âmbito intra-regional, os contrastes se fazem sentir, basicamente, em relação ao estágio de

sua ocupação, ou seja, entre áreas mais antigas e aquelas mais recentemente incorporadas aos centros dinâmicos da economia nacional. Assim, a metade-norte de Mato Grosso, com características de fronteira agrícola, apresenta, freqüentemente, situações muito diferentes das do restante do Centro-Oeste. Já na Região Norte, sobretudo os espaços que vêm sendo integrados às demais regiões do País por importantes eixos rodoviários, como Rondônia, sul do Pará e Tocantins, se diferenciam, em muitos aspectos, das áreas de ocupação tradicional, localizadas nos cursos dos rios. Tais diversidades poderão ser observadas através da análise de um conjunto de mapas, relativos à distribuição espacial das variáveis demográficas, sociais e econômicas selecionadas.

2.1 Os contrastes na ocupação do território

No Brasil, como o povoamento se fez a partir do litoral, as maiores concentrações demográficas se dão, até hoje, em municípios de uma extensa faixa litorânea que se estende do Nordeste ao Sul do País, em oposição às baixas densidades observadas em municípios das Regiões Norte e Centro-Oeste. Além das diferenças interregionais, observam-se, também, acentuados contrastes intra-regionais como, por exemplo, no Nordeste, entre municípios do interior do Maranhão, Piauí e Bahia, com baixas densidades, e os da faixa litorânea, com altas concentrações demográficas. Da mesma forma, no Sudeste, há um forte contraste entre municípios da metade-norte de Minas Gerais, caracterizados por fracas densidades populacionais, e os do restante da Região, com altas taxas de ocupação. Na verdade, os municípios com baixas taxas de ocupação demográfica do Nordeste e do Sudeste integram um espaço contínuo que se estende do Maranhão a Minas Gerais e se caracterizam pela prática tradicional de suas atividades econômicas. Igualmente, no Sul, municípios da porção meridional do Rio Grande do Sul, marcados por reduzidas densidades, contrastam com os do restante da Região. Nessa área, a criação de gado e a agricultura, em grandes estabelecimentos rurais, conferem à região um padrão de baixas densidades demográficas, apesar da existência de importantes centros urbanos. Diferindo do padrão de fracas densidades demográficas da Região Centro-Oeste, o Distrito Federal se destaca pelas mais elevadas taxas do País, em função, naturalmente, da concentração da burocracia governamental na Capital Federal.

Acompanhando, de certa forma, o padrão das densidades demográficas, a urbanização que, também, se deu do litoral para o interior, vem apresentando profundas transformações, entre outras razões, em função do processo de industrialização. Distribuindo-se, de forma bastante desigual, ao longo do território brasileiro, a urbanização vem se acentuando a partir da década de sessenta, quando o efetivo urbano ultrapassou o rural. Os mais altos índices de urbanização encontram-se no Centro-Sul do País, porção do território nacional onde se concentram os municípios mais industrializados e mais desenvolvidos economicamente, como os do Sudeste e Sul. Já, o Centro-Oeste que também integra o espaço mais urbanizado do País deve seus elevados graus de urbanização, sobretudo, às características de suas atividades agrícolas que, ao absorverem pouca mão-de-obra, contribuem para o adensamento populacional nas cidades.

Em nítida oposição à situação do Centro-Sul, a Região Norte, com menor integração aos centros dinâmicos do País, apresenta baixos níveis de urbanização, apesar das intensas transformações em sua rede urbana, em boa parte, devido à construção de grandes eixos rodoviários e da expansão da fronteira agrícola. Igualmente, o Nordeste, notabilizado pelos seus baixos níveis de desenvolvimento, apresenta fracos graus de urbanização, apesar dos incentivos do Governo Federal ao desenvolvimento regional. Além das diferenças interregionais, observa-se, também, nítidos contrastes no interior das Regiões, como no Nordeste, onde municípios mais urbanizados da faixa litorânea em muito diferem daqueles do interior, principalmente os do sertão do Maranhão, Piauí e Bahia. No Sudeste, região que concentra mais da metade da população brasileira, verifica-se, também, um forte contraste entre municípios da metade-norte de Minas Gerais, que se aproximam das características do sertão nordestino, e os do restante da Região, sobretudo, do Rio de Janeiro e de São Paulo que se destacam como os mais urbanizados do País.

Da mesma forma que os índices de densidades demográficas e de urbanização, a distribuição das taxas de variação populacional, resultado do crescimento vegetativo e dos movimentos migratórios, apresenta acentuados contrastes, ao longo do território brasileiro, expressando diversos processos em curso no País. Assim, observa-se que as regiões de ocupação antiga, como Nordeste, Sudeste e Sul, se caracterizam, frequentemente, por fracos crescimentos demográficos ou por perdas de população. Neste particular, o Paraná, em acentuado processo de trans-

formação de sua agricultura, é o estado que exibe a maior concentração de municípios com perdas demográficas do País, sobretudo em função da modernização técnica e da concentração da terra que vêm provocando a expulsão de trabalhadores rurais. Já, as áreas de fronteira agrícola, mais recentemente incorporadas aos centros dinâmicos da economia nacional, para onde o Governo Federal vem direcionando fluxos migratórios, acusam altas taxas de crescimento demográfico. Neste caso, situam-se, sobretudo, municípios de Roraima, Rondônia e Pará, na Região Norte, e de Mato Grosso, na Região Centro-Oeste. Contrariando a tendência observada nas regiões de ocupação antiga, verifica-se que, nessas áreas, determinados espaços se caracterizam por significativos crescimentos demográficos, como é o caso de grande número de municípios do interior da Bahia, cujo dinamismo se deve a importantes transformações agrícolas, tais como a incorporação do cerrado para cultivos mecanizados, e municípios do leste de São Paulo, região mais dinâmica economicamente e com maior concentração urbano-industrial do País.

As regiões de maior crescimento demográfico, para onde afluem significativos contingentes populacionais, são as que acusam, também, maiores taxas de masculinidade, uma vez que a migração é efetuada, geralmente, pelos homens que deixam suas famílias em seus locais de origem. Assim, as maiores concentrações de municípios com elevadas taxas de masculinidade encontram-se nas Regiões Norte e Centro-Oeste, em função das políticas governamentais que direcionaram para as áreas de fronteira agrícola, nas últimas três décadas, consideráveis fluxos migratórios. Em contrapartida, os mais baixos índices de masculinidade concentram-se em municípios do Nordeste, região onde a situação de pobreza vem provocando, há décadas, a saída de segmentos populacionais, em boa parte, do sexo masculino, para áreas economicamente mais dinâmicas. Já, nas Regiões Sudeste e Sul, observa-se um padrão diversificado, no qual alternam-se no espaço municípios com diferentes níveis de masculinidade.

2.2 Os contrastes sociais

A distribuição espacial de variáveis relativas à repartição da população por faixa etária, bem como por graus de alfabetização e discrepâncias de rendimentos, apresenta padrões marcados por acentuados contrastes que se relacionam aos níveis de desenvolvimento das dife-

rentes regiões brasileiras. Nesse sentido, observa-se que a maior incidência de jovens ocorre em municípios do Norte e Nordeste, regiões que se caracterizam por níveis mais baixos de desenvolvimento. No Nordeste, a concentração de municípios com elevados percentuais de jovens parece relacionar-se às migrações, em função da saída de pessoas adultas em busca de trabalho noutras regiões, pressionadas pela pobreza. Além desse aspecto, outros fatores como alto grau de analfabetismo, levando ao menor controle da natalidade, poderiam explicar as razões da maior presença de jovens nessa Região. Inversamente, municípios das Regiões Sudeste e Sul se caracterizam por baixas porcentagens de população jovem, com exceção daqueles localizados no norte de Minas e do Espírito Santo e na metade-sul do Paraná. Pode-se pensar que os contingentes de migrantes adultos, oriundos do Nordeste, ao lado do maior controle da natalidade, em decorrência de mais elevados níveis de alfabetização, concorreriam para os menores percentuais de jovens existentes no Sudeste e Sul. Já, o Centro-Oeste apresenta padrão que se aproxima das características verificadas no Sudeste e Sul, apesar dos fortes contrastes intrarregionais, como, por exemplo, os que se observam entre municípios do sul e norte de Goiás.

Contrariando o padrão da distribuição de jovens, a maior concentração de adultos se dá nas Regiões Sudeste e Sul, o que pode ser explicado, em grande parte, pela chegada de migrantes que buscam oportunidades de emprego nessas Regiões que apresentam o maior desenvolvimento industrial e a mais acentuada concentração urbana do País, com exceção de municípios do norte de Minas. Além disso, as baixas taxas de natalidade do Sudeste e Sul, decorrentes de melhores níveis educacionais, contribuem para a maior participação de adultos no total de sua população, na medida em que reduzem o contingente de jovens. Da mesma forma, o Centro-Oeste, ao se constituir em área de fronteira agrícola e atrair migrantes, com vistas ao acesso à terra e a melhores condições de vida, apresenta significativas porcentagens de adultos. Em nítida oposição à situação do Centro-Sul, destaca-se a Região Nordeste, onde se dá a maior concentração de municípios com reduzidas porcentagens de adultos, em decorrência da emigração. A Região Norte, acompanhando o padrão nordestino, apresenta, no entanto, acentuados contrastes intrarregionais, como os que opõem Rondônia e Roraima, para onde afluíram levas de migrantes, aos demais estados da Região.

Com maior ocorrência em áreas de ocupação consolidada, como as Regiões Nordeste, Sudeste e Sul, a distribuição das porcentagens de idosos expressa, no entanto, diferentes situações. Assim, em municípios do Sudeste e Sul, com maior grau de desenvolvimento, a concentração de idosos relaciona-se à expectativa de vida mais elevada existente nessas regiões, enquanto, no Nordeste, a presença de idosos em muitas áreas é, como se sabe, conseqüência da migração de adultos que deixam, em seus locais de origem, jovens e velhos. Já, as reduzidas participações de idosos verificadas em municípios do Norte e do Centro-Oeste prendem-se, entre outras razões, ao afluxo de migrantes, que se dirigem às áreas de fronteira agrícola, e à menor expectativa de vida. Convém lembrar, ainda, que as maiores participações de idosos se dão, de modo geral, em municípios do interior, com menor expressão demográfica, e não em municípios com maior grau de urbanização.

Acompanhando o padrão da urbanização, a distribuição dos níveis de alfabetização apresenta uma forte oposição entre as Regiões Norte e Nordeste e o Centro-Sul do País. Assim, os mais altos índices de alfabetização estão presentes em municípios das Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste onde é maior o grau de urbanização de sua população, com exceção do norte de Minas Gerais que se aproxima das características nordestinas. Na verdade, o Nordeste, notabilizado pelos seus problemas sociais, destaca-se por um padrão marcado pelos mais baixos níveis de alfabetização do País. Já a Região Norte, ao se constituir em área de fronteira agrícola, apresenta fortes discrepâncias intra-regionais, em grande parte, em decorrência da chegada de migrantes com diferentes níveis de alfabetização.

Ainda no que diz respeito aos contrastes sociais, a pobreza no Brasil, avaliada a partir das discrepâncias de rendimentos de sua população, está presente em todo o território nacional, mas é na Região Nordeste que ela atinge os níveis mais dramáticos e se apresenta de forma mais concentrada. As más condições de vida da população nordestina tem suas raízes em fatores estruturais, principalmente, na elevada concentração da terra e nas relações de trabalho espoliativas, situação agravada pelas secas que assolam a Região. Com níveis de rendimentos que o aproxima do Nordeste empobrecido, destaca-se, o norte de Minas Gerais, em nítida oposição às demais áreas do Sudeste.

2.3 Os candidatos e a geografia do voto

A distribuição dos votos dos diversos candidatos à Presidência da República nas eleições de 1994, pelos municípios brasileiros, revela uma grande diversidade de situações, com alguns candidatos apresentando votações expressivas em todo o território nacional e outros acusando bom desempenho em apenas algumas áreas do País. Assim, dos seis candidatos mais votados, Esperidião Amin e Leonel Brizola são os que acusaram votações mais localizadas. Nesse sentido, Esperidião Amin se revelou um candidato da Região Sul, concentrando-se suas mais elevadas votações em municípios de Santa Catarina, apesar de o seu partido, o PPR, se encontrar implantado nacionalmente. Da mesma forma, o candidato Leonel Brizola obteve suas maiores votações em municípios do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, estados onde se encontram suas bases políticas. Além desses, Brizola apresentou, ainda, expressivas votações em municípios do sudoeste do Paraná e norte de Mato Grosso, áreas para onde afluíram consideráveis fluxos de migrantes gaúchos.

Orestes Quércia, com votações menos localizadas que Amin e Brizola, acusou melhor desempenho em municípios de São Paulo, onde se localizam suas bases eleitorais, Santa Catarina, Acre, Goiás, Tocantins e Piauí. As boas votações para o candidato em municípios de diferentes estados brasileiros, deve-se, em grande parte, ao fato de as lideranças políticas regionais do PMDB terem sido fiéis à candidatura de seu partido. Ao contrário de Quércia, Enéas apresenta suas mais expressivas votações concentradas no Centro-Sul do País, especialmente, em municípios dos estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo, bem como no Distrito Federal. A distribuição espacial dos votos para o candidato revela um padrão que apresenta estreita correlação com o mapa da urbanização. Nesse sentido, o candidato, cujo partido não possui nenhuma expressão política, recebeu suas maiores votações de eleitores de municípios das Regiões mais urbanizadas do País.

Já Lula, ao contrário dos candidatos anteriores, obteve boas votações em grande parte do território nacional. Observa-se, no entanto, que as maiores concentrações de votos para Lula ocorrem no Distrito Federal, num grande número de municípios do Nordeste, sobretudo nos estados do Piauí, Pernambuco, Sergipe e Bahia, bem como em municípios do Sul, principalmente no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Finalmente, Fernando Henrique, com votação elevada em todo

o território nacional, registra seus maiores percentuais de votos em municípios de Alagoas. É, no entanto, no centro do País que se observa a maior concentração espacial de votos para o candidato, num *continuum* que abrange municípios de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Tocantins. Em contraste com essa extensa área, destacam-se municípios da Região Sul pelas menores votações alcançadas por FHC, com exceção daqueles da metade-norte do Paraná. Tal situação deve-se a um quadro de fragmentação eleitoral resultante de uma disputa mais acentuada entre os candidatos à Presidência, na maioria dos municípios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e metade-sul do Paraná.

A análise da distribuição espacial dos votos dos principais candidatos à Presidência, a nível municipal, e sua comparação com os padrões das variáveis sócio-econômicas revela, de imediato, a dificuldade de se estabelecer as bases de uma Geografia Eleitoral, quando se considera o Brasil como um todo. Nessa escala de análise, pode-se perceber apenas algumas relações, muito gerais, entre o comportamento político dos eleitores e a situação sócio-econômica da população. Assim, a fragmentação eleitoral observada em municípios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal coincide com melhores níveis de alfabetização de sua população. Inversamente, constata-se a existência de um comportamento eleitoral que se caracteriza pela polarização entre dois candidatos ou pela dominação de um deles, em municípios de estados do Nordeste, num contexto de baixos níveis de alfabetização. Tais associações, de caráter muito geral, são insuficientes, portanto, para se estabelecer as bases de uma Geografia Eleitoral. Assim, nessa escala de análise, muitas das indagações que dizem respeito ao comportamento eleitoral dos brasileiros ficam sem resposta. Desse modo, acredita-se que a mudança no nível de observação, do Brasil como um todo para o plano estadual, possibilite o estabelecimento de correlações mais nítidas entre o comportamento político dos eleitores e as condições sócio-econômicas da população.

3. A geografia eleitoral nos principais estados do País

As eleições presidenciais de 1994 serão analisadas, na escala estadual, a partir do estudo dos oito estados mais importantes do ponto de vista eleitoral: São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Paraná, Pernambuco e Ceará. Considerando que as estruturas políticas e suas diferenciações espaciais relacionam-se com estru-

ras territoriais de diversas ordens, serão analisados os desempenhos dos principais candidatos à Presidência da República e suas relações com a urbanização, alfabetização, disparidades de rendimentos, variação populacional, masculinidade e densidade demográfica, na medida em que tais variáveis possam contribuir para explicar o comportamento dos eleitores desses estados.

Os dados eleitorais foram fornecidos pelo serviço de estatística do Tribunal Superior Eleitoral. A utilização dos dados requereu, inicialmente, uma nova codificação dos municípios, uma vez que o TSE não adota a codificação do IBGE. Do conjunto de mapas eleitorais realizados, pode-se destacar dois tipos:

- mapas sobre o número de eleitores representados por quadrados, localizados na sede municipal, com tamanhos proporcionais ao número de votantes;
- mapas, em tons de cinza, traduzindo a importância da porcentagem de votos válidos obtidos por cada candidato. As classes que correspondem a cada tonalidade de cinza foram escolhidas de forma a retratar, o melhor possível, a variação espacial das porcentagens através dos municípios.

As estatísticas econômicas e sociais originam-se do Recenseamento Demográfico realizado em 1991 pelo IBGE e que foram publicadas em 1994. Trata-se, portanto, dos dados mais recentes, em nível municipal, que se encontram disponíveis. Para a análise da diversidade das situações econômicas e sociais do País, foram selecionados seis indicadores:

- *Densidade de População*: é um indicador clássico que revela o número de habitantes por quilômetro quadrado em cada município. Tal indicador, apesar de pouco preciso, é capaz de fornecer uma idéia sobre a repartição da população;
- *Variação da População 1980-1991*: permite observar a evolução da dinâmica demográfica do País, ao longo do período que compreende os dois últimos recenseamentos. Trata-se da taxa de variação média anual por 100 habitantes, o que torna possível a comparação da variação populacional relativa a municípios muito diferentes. Observa-se, em geral, um forte aumento populacional na periferia das grandes cidades, bem como nas 'fronteiras' agrícolas ou minerais. No Brasil, os municípios que apresentam perdas de população, em menor número do que

os que acusam crescimento, devem tal situação, principalmente, ao êxodo rural;

- *Alfabetização*: refere-se à porcentagem de habitantes de um município que respondeu “sim” à questão “sabe ler e escrever?”. Consiste, portanto, num indicador de desenvolvimento, freqüentemente, ligado à urbanização;

- *Discrepância de Rendimentos*: não é propriamente um indicador de pobreza, mas sobretudo um indicador de desigualdade social. Refere-se ao número de chefes de família que recebem até um salário mínimo por mês, dividido pelo número de chefes de família que recebem mais de 10 salários mínimos. Quanto maior for este número, maior será a desigualdade social quanto aos rendimentos. Ao contrário do que se afirma normalmente, a discrepância se mostra mais acentuada no campo do que na cidade. Na verdade, além do fato de muitos trabalhadores no campo receberem quantia abaixo do salário mínimo, a discrepância de rendimentos pode parecer mais grave nas estatísticas pela remuneração não monetária existente nas áreas rurais;

- *Masculinidade*: representa o número de homens por 100 mulheres. Tal indicador, na medida em que revela o desequilíbrio entre os sexos na população municipal, pode identificar municípios onde são importantes as migrações. Nos espaços de ‘fronteiras’ agrícolas ou mineiras, o número de homens ultrapassa em muito o de mulheres. Trata-se de trabalhadores adultos, jovens, que partem em busca de melhores condições de vida, deixando freqüentemente as mulheres e as crianças em seus municípios de origem, onde se encontra, assim, uma masculinidade inferior a 100. Observa-se, também, uma taxa de masculinidade inferior a 100 em municípios mais urbanizados. Tal situação deve-se à emigração de pessoas do sexo feminino, que deixam o campo e se dirigem às cidades em busca de trabalho, como empregadas no comércio, na indústria e nos serviços, particularmente, como domésticas;

- *Urbanização*: mede a proporção de pessoas que residem nas áreas urbanas por 100 habitantes, em cada município. Este indicador deve ser interpretado com cuidado, no caso do Brasil, uma vez que cada município possui uma ou mais aglomerações urbanas, além de uma zona rural.

Os indicadores sócio-econômicos são representados por mapas em tons de cinza com intervalos escolhidos de maneira a dar conta, o melhor possível, de sua variação espacial através dos municípios.

3.1 São Paulo

São Paulo, que participa com 23,5 % do número total de votos do País, se constitui no estado brasileiro mais importante do ponto de vista eleitoral. Nesse estado, os candidatos mais bem votados à Presidência reproduzem desempenhos semelhantes aos obtidos no País. Assim, Fernando Henrique com 55,7 %, Enéas com 8,9 % e Quércia com 5,8 % dos votos válidos do estado receberam votações ligeiramente acima de suas médias nacionais, enquanto Lula, com 27,0 %, registrou resultado equivalente ao alcançado no País. A análise da distribuição dos votos dos candidatos pelos municípios revela, no entanto, enormes contrastes entre diversas regiões do estado, onde as estruturas políticas apresentam-se correlacionadas, principalmente, com o padrão de sua urbanização.

Apesar de São Paulo apresentar elevado grau de urbanização, esta se distribui, no entanto, de forma desigual em seu território, destacando-se um conjunto de municípios que formam um *continuum* urbano que abrange desde Santos, no litoral, até Ribeirão Preto, a noroeste, englobando a Região Metropolitana e cidades como Campinas, Sorocaba e Bauru. Como prolongamento dessa concentração urbana, tem-se, a leste, o Vale do Paraíba paulista, onde se localizam importantes centros urbano-industriais, como São José dos Campos e Taubaté. Observa-se, ainda, que tais municípios com maior grau de urbanização apresentam, também, melhores níveis educacionais, variações populacionais positivas e menores discrepâncias quanto aos rendimentos.

Ao se analisar o desempenho dos candidatos nessa região mais urbanizada, constata-se a ocorrência de maior competição eleitoral entre eles, certamente, em função do melhor nível de informação do eleitorado e da existência de organizações partidárias mais ativas. Assim, Fernando Henrique, que obteve, na maior parte dos municípios do estado, elevados percentuais de votos, não apresenta nessa área seu melhor desempenho eleitoral. Já Lula, seu principal concorrente, alcança nesses municípios mais urbanizados suas votações mais expressivas, principalmente, em função da concentração industrial, da existência de um forte movimento sindical e de uma expressiva militância do Partido dos Trabalhadores. É nesse contexto, também, que Enéas acusa seu melhor desempenho eleitoral, embora com votações muito inferiores às de FHC e de Lula.

Da mesma forma, ao se analisar a Região Metropolitana, onde se concentram 50,0 % dos votos do estado, constata-se que é nos municípios industriais, a exemplo de Santo André, São Bernardo, Diadema e Osasco que Lula alcança seus mais elevados percentuais, o que se explica em função do forte movimento operário aí existente. Já Fernando Henrique obtém seus percentuais mais elevados em municípios localizados nos limites da periferia metropolitana, que se situam a reboque do processo de metropolização, apresentando atividades econômicas baseadas na agropecuária, além de menores níveis de alfabetização, maiores discrepâncias de rendimentos e mais expressivos crescimentos populacionais. Finalmente, Enéas, terceiro colocado na Região Metropolitana, com votações muito inferiores às dos outros dois candidatos, acusa seu melhor desempenho eleitoral em municípios, como Guarulhos, Mogi das Cruzes e Suzano, onde é bom o nível educacional da população e são pequenas as discrepâncias de rendimentos.

Os demais municípios de São Paulo que não se encontram nas áreas com mais alto grau de urbanização, apresentam situações diferenciadas no que diz respeito aos indicadores sócio-econômicos selecionados. Assim, pode-se destacar, em linhas gerais, duas regiões: o oeste e o sul do estado. Os municípios do oeste, apesar da existência de importantes cidades, apresentam índices de urbanização inferiores aos da região anteriormente considerada. Além disso, observa-se em muitos municípios do oeste paulista perda de população na década de oitenta, num contexto de bons níveis educacionais, que coexistem, no entanto, com maiores discrepâncias de rendimentos. É nessa região que se concentram as mais elevadas votações para FHC. Do mesmo modo, Quêrcia alcança em municípios do oeste paulista algumas de suas melhores votações, num padrão fragmentado, no qual se alternam municípios com altas e baixas porcentagens. Ao contrário, Lula apresenta apenas em alguns municípios do oeste, sobretudo onde é forte o movimento de trabalhadores rurais sem terra, índices de votação mais altos.

O sul de São Paulo, que se caracteriza como a área economicamente menos dinâmica do estado, apresenta menores graus de urbanização e de alfabetização e maiores contrastes entre níveis de rendimentos. Também nessa área, conhecida pelos baixos níveis de condições de vida, FHC e Quêrcia acusaram algumas de suas mais expressivas votações.

3.2 Minas Gerais

Minas Gerais, que participa com 11,5 % do número total de votos do País, constitui o segundo estado brasileiro mais importante do ponto de vista eleitoral. Nesse estado, os dois candidatos mais bem votados à Presidência, Fernando Henrique com 64,8 % e Lula com 21,9 % dos votos válidos, apresentaram resultados bem diferentes daqueles alcançados no plano nacional. Fernando Henrique obteve em Minas um de seus melhores desempenhos eleitorais do País, enquanto Lula recebeu votação muito abaixo de sua média nacional. Quanto a Enéas, com 6,8 % dos votos válidos, registrou resultado semelhante ao obtido no País.

A análise da distribuição dos votos dos candidatos pelos municípios revela muitos contrastes entre as diversas regiões do estado. Entretanto, não se observa, como em São Paulo, correlações muito claras entre as estruturas políticas e as estruturas sócio-econômicas. Minas caracteriza-se, quanto à maioria das variáveis sócio-econômicas consideradas, por um padrão marcado por fortes contrastes entre os municípios da metade-norte e os da metade-sul do Estado, o que não se verifica em relação à distribuição dos percentuais de votos dos dois principais candidatos à Presidência.

Em linhas gerais, observa-se que a maior parte dos municípios do norte mineiro apresenta características de região mais deprimida economicamente. Assim, predominam, nessa área, municípios com graus de urbanização mais baixos e menores densidades demográficas, num contexto de baixos níveis de alfabetização e discrepâncias de rendimentos mais acentuadas. Caracterizam-se, também, por elevadas participações de jovens, o que parece estar relacionado às migrações, que ocorrem com frequência nesses municípios e são efetuadas, principalmente, por pessoas adultas, em direção a regiões economicamente mais dinâmicas. Desse modo, em grande parte do norte mineiro é baixa a participação de adultos, bem como de idosos — cuja concentração associa-se, freqüentemente, a melhores níveis de condições de vida.

Já na metade-sul de Minas, área onde as atividades econômicas se desenvolvem de forma mais intensa, encontram-se municípios com maiores densidades demográficas e mais alto grau de urbanização, como os da Região Metropolitana de Belo Horizonte, onde se concentra um parque industrial complexo, além de Uberlândia e Uberaba, principais cidades do Triângulo Mineiro, Ipatinga, no Vale do Aço, e Juiz de

Fora, na Zona da Mata. Cabe observar, ainda, que nessa região concentram-se, também, municípios que apresentam os melhores níveis de alfabetização e os menores contrastes quanto aos desníveis de rendimentos. Expressando, ainda, o caráter mais dinâmico dessa porção do território mineiro, tem-se uma concentração de adultos, num contexto de reduzidas porcentagens de jovens.

Apenas no que diz respeito à variação populacional e à masculinidade, não se observa a oposição norte-sul, mas um padrão diversificado, no qual se alternam municípios com diferentes percentuais, ao longo do estado. Destacam-se, por expressivos crescimentos demográficos, os municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte e seu entorno, bem como um grande número de municípios no noroeste do estado, onde vem se dando a abertura de novas fronteiras agrícolas. É nesses municípios do noroeste mineiro que se observam, também, as taxas mais elevadas de masculinidade; certamente, em função da atração migratória que a implantação de projetos irrigatórios, agropecuários e industriais vem provocando.

A análise da distribuição dos votos dos candidatos à Presidência, pelos municípios, revela acentuados contrastes entre diversas regiões do estado, num padrão onde as estruturas políticas, como já assinalado, não se correlacionam, de forma nítida, com as estruturas sócio-econômicas. Ao que tudo indica, o desempenho dos candidatos em Minas parece associar-se, principalmente, à capacidade de os candidatos à Presidência estabelecerem alianças com as lideranças políticas estaduais e locais; de importância fundamental, já que nenhum dos postulantes tinha sua base eleitoral nesse estado. O fato de Fernando Henrique ter apresentado em Minas um dos seus melhores desempenhos eleitorais do País, pode ser explicado, em certa medida, pelo apoio que os dois candidatos mais fortes ao governo estadual, Hélió Costa, do PP, e Eduardo Azeredo, do PSDB, deram à sua candidatura, apesar de rivais no plano estadual. Acrescenta-se, ainda, o apoio do Presidente Itamar Franco, político mineiro, muito popular no Estado.

A distribuição espacial dos votos para FHC revela um padrão diversificado, com percentuais que variam de 38,43 % a 88,15 %, sendo que na maior parte dos municípios predominam percentuais elevados. Assim, constata-se que FHC é bem votado em todo o Estado, tanto em municípios mais urbanizados, quanto menos urbanizados, com altos e baixos níveis de alfabetização, com maiores e menores discrepâncias de

rendimentos. Convém observar, no entanto, que FHC alcança suas mais elevadas votações em municípios localizados no centro e no extremo norte do Estado, onde não se localiza nenhuma das dez cidades mais importantes de Minas. Assim, nos municípios que integram a Região Metropolitana de Belo Horizonte, apesar do bom desempenho eleitoral de FHC, não se registram aí suas mais altas votações. Na verdade, a maciça votação alcançada por Fernando Henrique em Minas reflete uma situação de dominação eleitoral, diferente da observada em São Paulo, por exemplo, onde se verifica maior disputa entre diversos candidatos.

Quanto ao segundo candidato mais bem votado à Presidência, Luis Inácio Lula da Silva, observa-se que seu fraco desempenho nas eleições de 1994 se deve, em grande parte, ao fato de o PT não se constituir num partido expressivo em grande parte do território mineiro, além de os partidos que compuseram a coligação que o apoiou não terem apresentado candidatos fortes às eleições para governador ou senador. A distribuição dos votos para Lula pelos municípios revela um padrão muito diversificado, cujas porcentagens variam de 4,09 % a 48,63 %. Os percentuais mais elevados de votos encontram-se, sobretudo, em municípios da faixa leste do estado, destacando-se, principalmente, os da área industrial do Vale do Aço, como Itabira e Ipatinga, e os das áreas pobres do Vale do Jequitinhonha. Além dessa região, votações significativas para Lula se distribuem, também, pelos municípios de fronteira agrícola do noroeste do estado, no Vale do São Francisco. Assim como observado para Fernando Henrique, Lula é bem votado em municípios com alto e baixo grau de urbanização, com diferentes níveis de alfabetização e de discrepâncias de rendimentos. No Vale do Aço, por exemplo, as elevadas votações para Lula se devem à concentração de operários aí existente, enquanto nos municípios pobres do Vale do Jequitinhonha relacionam-se à presença de movimentos sociais organizados. Já, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, apesar da existência de um forte movimento sindical em municípios industriais, como Betim e Contagem, o candidato não alcançou suas votações mais elevadas. Em Belo Horizonte, não obstante o município ser governado por um prefeito do PT, Lula registrou seu pior desempenho eleitoral entre as Regiões Metropolitanas brasileiras.

Ao contrário do observado para FHC e Lula, a distribuição de votos para Enéas guarda uma estreita correlação com as estruturas só-

cio-econômicas identificadas no estado. Assim, o candidato obteve melhor desempenho eleitoral, sobretudo, em municípios da metade sul do estado, que apresentam maior grau de urbanização, melhores níveis de alfabetização e menores discrepâncias de rendimentos. Nesse sentido, é na Região Metropolitana de Belo Horizonte e nos municípios mais urbanizados do estado que o candidato alcança suas mais expressivas votações.

3.3 Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro, com 10,0 % do número total de votos do País, se constitui no terceiro estado brasileiro mais importante do ponto de vista eleitoral. Nesse estado, os dois candidatos mais bem votados à Presidência, Fernando Henrique com 47,2 % e Lula com 25,7 % dos votos válidos, apresentaram resultados inferiores àqueles alcançados no plano nacional. Já Enéas com 11,7 % e Brizola com 10,7 % obtiveram votações superiores às de suas médias nacionais. A análise da distribuição dos votos dos candidatos pelos municípios revela, no entanto, acentuados contrastes entre as diversas regiões do estado, onde as estruturas políticas parecem se correlacionar com as estruturas sócio-econômicas identificadas. Assim, a organização espacial do Rio de Janeiro revela contrastes entre os municípios da metade-norte e os da metade-sul do estado, principalmente, no que diz respeito à urbanização, densidade demográfica, alfabetização e discrepâncias de rendimentos.

Observa-se, de modo geral, que a maior parte dos municípios da metade-norte fluminense apresenta características de região menos dinâmica economicamente. Assim, predominam, nessa área, municípios com graus de urbanização mais baixos e menores densidades demográficas, num contexto de baixos níveis de alfabetização e discrepâncias de rendimentos mais acentuadas. Tais características se apresentam mais acentuadas nos municípios do noroeste, que vêm sofrendo esvaziamento populacional, em grande parte, em função do caráter tradicional de suas atividades econômicas.

Já na metade-sul do estado, área mais dinâmica economicamente, encontram-se municípios com maiores densidades demográficas e mais alto grau de urbanização, como os da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, onde é grande a complexidade e a diversidade de sua atividade industrial, comercial e dos serviços. Convém destacar, ainda, no eixo

rodoviário que liga o Rio de Janeiro a São Paulo, a conurbação Volta Redonda-Barra Mansa, sede de um complexo industrial que se organizou em torno da Companhia Siderúrgica Nacional. É na metade-sul do estado que se concentram, também, municípios com melhores níveis de alfabetização e menores contrastes quanto aos desníveis de rendimentos.

Ao se analisar o desempenho dos candidatos pelos municípios do estado, constata-se que é na região mais urbanizada, que se dá maior competição eleitoral entre eles; certamente, em função do melhor nível de informação do eleitorado e da existência de organizações partidárias mais ativas. Assim, Fernando Henrique que obteve, na maior parte dos municípios do estado, elevados percentuais de votos, apresenta nessa área seu pior desempenho eleitoral, em função das boas votações alcançadas por Lula, Enéas e Brizola. Fernando Henrique obtém seus mais elevados percentuais de votos, nos municípios do noroeste fluminense, confirmando tendência, já verificada em São Paulo, de maiores votações para o candidato em municípios menos urbanizados, com menores níveis de alfabetização e maiores discrepâncias de rendimentos.

Ao contrário de FHC, Lula alcança suas votações mais elevadas nos municípios da metade-sul do estado, especialmente em Volta Redonda, Barra Mansa e Barra do Piraí, onde é grande o número de operários da Companhia Siderúrgica Nacional. Lula apresenta, ainda, votações significativas, superiores à sua média estadual, nos municípios do estado com maior grau de urbanização, como Rio de Janeiro e Niterói, na Região Metropolitana, que se caracterizam, também, pelos mais altos níveis educacionais e menores disparidades de rendimentos.

Embora apresentando votações muito inferiores às de Lula, Enéas acusa, também, seu melhor desempenho eleitoral na metade-sul do estado, sobretudo, em municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, num padrão que guarda estreita relação com o da urbanização. Convém ressaltar que o fato de Enéas apresentar suas melhores votações em municípios mais urbanizados, com níveis de alfabetização mais altos e menores contrastes quanto aos rendimentos, se constitui numa tendência já observada nos estados de São Paulo e Minas Gerais.

Contrariando o padrão de votação apresentado pelos demais candidatos, Brizola obtém seus mais elevados percentuais de votos, tanto em municípios da metade-sul, quanto da metade-norte do estado, numa distribuição na qual as estruturas políticas não se correlacionam, de for-

ma nítida, com as estruturas sócio-econômicas. Na verdade, as maiores votações para o candidato ocorrem em municípios da periferia metropolitana do Rio de Janeiro, bem como em municípios do norte fluminense, como Campos. Assim, observa-se que Brizola é bem votado em municípios com diferentes graus de urbanização, alfabetização e discrepâncias de rendimentos, o que parece indicar que suas votações mais acentuadas se devam à força das lideranças locais de seu partido. Convém lembrar que o desempenho de Brizola no estado Rio de Janeiro, nas eleições de 1994, apresenta enorme contraste em relação ao resultado alcançado pelo candidato no primeiro turno das eleições de 1989, quando obteve 52,2 % dos votos válidos. O fracasso eleitoral em 1994 deve-se, principalmente, ao desgaste político sofrido por Brizola, por ocasião do seu segundo mandato à frente do governo do estado do Rio de Janeiro.

3.4 Rio Grande do Sul

O Rio Grande do Sul, que participa com 7,0 % do número total de votos do País, se constitui no quarto estado brasileiro mais importante do ponto de vista eleitoral. Nesse estado, os candidatos mais votados à Presidência apresentam resultados eleitorais muito diferentes daqueles alcançados no País. Assim, Lula com 33,5 %, Brizola com 15,1 %, Enéas com 9,4 % e Amin com 8,2 % dos votos válidos receberam votações superiores às suas médias nacionais, enquanto Fernando Henrique com 29,6 % teve, no Rio Grande do Sul, seu pior desempenho eleitoral.

A análise da distribuição dos votos dos candidatos pelos municípios revela, no entanto, enormes contrastes entre diversas regiões do estado, onde as estruturas políticas parecem se correlacionar de forma menos nítida com a urbanização, como se verificou em São Paulo, mas, ao que tudo indica, apresentam-se ligadas a transformações em curso, como a modernização da agricultura. Neste processo, estão presentes não só a mudança técnica, mas também, a introdução ou expansão de cultivos voltados à indústria e à exportação, o que tem acarretado, sobretudo, a concentração da terra, a liberação de mão-de-obra e a eliminação de pequenos produtores rurais que não possuem condições de acompanhar tais transformações. Além disso, as estruturas da geografia eleitoral que emergiram no Rio Grande do Sul apresentam certas correlações com níveis de alfabetização, graus de discrepâncias de rendimen-

tos e variação populacional.

Nesse sentido, destacam-se no Rio Grande do Sul os municípios do noroeste, onde a modernização técnica e a expansão do cultivo da soja vêm provocando a concentração da terra e o enfraquecimento da agricultura colonial. Além da modernização, o acentuado processo de fracionamento da terra por herança tem contribuído para o forte êxodo rural que aí vem se verificando, num contexto de fortes disparidades de rendimentos e níveis mais baixos de alfabetização da população. Esse conjunto de fatores contribuiu para o surgimento de um forte movimento de trabalhadores rurais sem terra que, identificando-se com um candidato de esquerda, explicaria, em parte, as acentuadas votações alcançadas por Lula nessa região.

Além do noroeste, Lula obteve elevadas votações nos municípios que integram a Região Metropolitana de Porto Alegre, onde é mais alto o grau de alfabetização da população, menores as disparidades de rendimentos e maior a concentração industrial. Além desses aspectos, as bem sucedidas administrações do PT à frente da Prefeitura de Porto Alegre foram decisivas para o excelente desempenho do candidato na Região Metropolitana. Nas demais regiões do estado, Lula alcança ainda boas votações em municípios cujas sedes se constituem em importantes centros urbanos, como Pelotas, Rio Grande e Santa Maria.

Assemelhando-se ao padrão de votação de Lula, Brizola obtém boas votações no noroeste do Rio Grande do Sul, bem como em municípios do oeste, como São Borja, terra natal de Getúlio Vargas, do qual Brizola é considerado seu herdeiro político. Levando-se em conta os problemas sociais que o noroeste do estado vem enfrentando, as boas votações para Brizola, bem como para Lula, parecem indicar que essa região optou pelo apoio a candidatos de esquerda. Além dessas áreas, registram-se, também, altos índices de votação para Brizola em municípios do sudeste, no litoral da Lagoa dos Patos, onde é menor a urbanização e mais baixo o nível de alfabetização da população. O candidato alcança, ainda, bom desempenho nos municípios da Região Metropolitana, que, como se sabe, exibem níveis educacionais elevados e menores discrepâncias quanto aos rendimentos. Convém lembrar que Brizola situou-se em terceiro lugar no Rio Grande do Sul, seu melhor desempenho eleitoral do País, o que pode ser considerado, no entanto, um fracasso eleitoral, se comparado ao seu desempenho no primeiro turno das eleições presidenciais de 1989, quando foi o grande vencedor, com

62,8 % dos votos do estado.

Contrariando o padrão de votação apresentado por Lula e Brizola, Fernando Henrique exibe seus mais elevados percentuais em municípios do nordeste e do centro-sul do estado, onde se verificam, também, menores graus de urbanização, mais baixos níveis de alfabetização e mais acentuadas discrepâncias de rendimentos. Cabe destacar que o Rio Grande do Sul se apresenta como o único estado da Federação em que FHC foi derrotado por Lula, além do Distrito Federal, apesar do apoio recebido de Antônio Brito, do PMDB, vencedor das eleições para o governo estadual, que não participou, entretanto, da campanha eleitoral de Orestes Quércia, candidato de seu partido.

Com votações mais expressivas em municípios da metade-norte do estado, Amin obteve no Rio Grande do Sul um de seus melhores desempenhos eleitorais do País, o que se deve, provavelmente, à influência da campanha desse candidato em Santa Catarina que se refletiu, sobretudo, na região mais próxima da fronteira entre esses dois estados.

Ao contrário de Amin, Enéas obteve suas votações mais expressivas em municípios da porção meridional do Rio Grande do Sul, destacando-se, principalmente, os da fronteira com o Uruguai. A distribuição dos votos para Enéas acompanha, de modo geral, o padrão da urbanização do Estado, com exceção de Porto Alegre e alguns municípios que integram a Região Metropolitana.

3.5 Bahia

A Bahia, que participa com 6,5 % do número total de votos do País, situa-se em quinto lugar entre os estados brasileiros quanto à sua importância eleitoral. Nesse estado, enquanto Fernando Henrique apresenta resultado ligeiramente inferior ao de sua média nacional, ao obter 52,4 % dos votos válidos, Lula, com 35,2 %, registra percentual muito superior ao alcançado no País.

A distribuição espacial dos votos dos candidatos revela acentuados contrastes entre diversos municípios do estado, num padrão que apresenta correlações entre as estruturas políticas e as estruturas sócio-econômicas, principalmente, em municípios das regiões leste e oeste do estado. Assim, na Bahia, pode-se identificar, em relação às estruturas sócio-econômicas, um padrão no leste que se opõe ao do oeste, enquanto a zona central do estado se caracteriza por uma diversidade de situa-

ções, com muitos contrastes entre seus municípios. Na parte leste, área mais urbanizada, onde as atividades econômicas se dão de forma mais dinâmica, encontram-se as mais altas taxas de densidade demográfica, mais altos níveis de alfabetização e menores discrepâncias de rendimentos. É nessa faixa que se localiza a Região Metropolitana de Salvador, bem como as principais cidades do estado.

Em contrapartida, no oeste da Bahia, verificam-se as mais reduzidas densidades demográficas, num contexto de baixos graus de urbanização e de alfabetização, além de maiores discrepâncias de rendimentos. A partir dos anos oitenta, essa área vem se constituindo em região de fronteira agrícola, apresentando expressivos crescimentos demográficos, cujo dinamismo foi favorecido, em grande parte, pela ligação rodoviária entre Salvador e Brasília. Já na parte central da Bahia, numa extensa área que vai do norte ao sul e que abrange o Vale do São Francisco, verifica-se um padrão muito diversificado no qual alternam-se no espaço municípios com diferentes níveis de densidade demográfica, urbanização, alfabetização e discrepâncias de rendimentos.

Fernando Henrique Cardoso, apresentou, na maior parte dos municípios baianos, elevadas votações, uma vez que seus percentuais variam de 28,49 % a 87,37 %. Cabe observar, no entanto, que as maiores proporções de votos para o candidato ocorrem, de modo geral, em municípios do interior, com menores taxas de densidade demográfica, urbanização e alfabetização, apresentando, freqüentemente, consideráveis discrepâncias de rendimentos, como se observa nos municípios do centro-sul e do oeste da Bahia. Nesse sentido, convém ressaltar que nos municípios onde se localizam as principais cidades do estado, o candidato, apesar de bem votado, não alcança seus melhores desempenhos eleitorais, em função, possivelmente, da existência de movimentos sindicais e partidários mais atuantes, o que ocasiona maior competição eleitoral. Assim, nos municípios que integram a Região Metropolitana de Salvador, FHC não obtém suas mais expressivas votações, tendo sido, inclusive, derrotado por Lula no núcleo da RM. O bom desempenho de Fernando Henrique na Bahia deve-se, sobretudo, à força política da coligação que o apoiou, liderada por Antônio Carlos Magalhães, do PFL. Tal coligação elegeu Paulo Souto, ao governo do estado, no segundo turno das eleições, além de dois senadores e metade da bancada de deputados federais.

A distribuição dos votos para Lula revela um padrão marcado por fortes contrastes, uma vez que os percentuais variam de 5,12 % a 58,66 %. Ao contrário de Fernando Henrique, Lula apresenta suas maiores votações em municípios que se destacam por maiores taxas de densidade, urbanização e alfabetização, apresentando, geralmente, menores discrepâncias de rendimentos. Assim, a maior concentração de votos para Lula ocorre na faixa leste, principalmente, nos municípios da Região Metropolitana e seu entorno. Na cidade de Salvador, Lula obteve seu melhor desempenho eleitoral, dentre as Regiões Metropolitanas do País, vencendo Fernando Henrique por maioria absoluta, com 50,8 % dos votos. Além da faixa leste, votações significativas para Lula encontram-se, também, no centro-norte do estado, principalmente, em municípios do Vale do São Francisco, como Juazeiro e Paulo Afonso. O bom desempenho de Lula, na Bahia, expressa, em grande parte, o apoio recebido das forças políticas que fazem oposição a Antônio Carlos Magalhães, líder da oligarquia que domina a política baiana e que apoiou Fernando Henrique Cardoso.

3.6 Paraná

O Paraná, com 6,0 % do número total de votos do País, situa-se em sexto lugar entre os estados brasileiros quanto à sua importância eleitoral. Nesse estado, os dois candidatos mais bem votados à Presidência, Fernando Henrique com 60,3 % e Lula com 22,7 % dos votos válidos, apresentaram resultados bem diferentes daqueles alcançados no plano nacional. Fernando Henrique obteve no Paraná um de seus melhores desempenhos eleitorais do País, enquanto Lula recebeu votação muito abaixo de sua média nacional. Quanto a Enéas, com 6,5 % dos votos válidos, constata-se que registrou resultado ligeiramente inferior ao obtido no País.

A distribuição dos votos dos candidatos pelos municípios revela acentuados contrastes quanto ao desempenho eleitoral dos principais candidatos. Assim, enquanto Fernando Henrique obtém seus mais elevados percentuais em municípios da metade-norte do estado, Lula alcança suas melhores votações em municípios da porção sul. Entretanto, não se verifica, no Paraná, como na maior parte dos estados analisados, correlações nítidas entre as estruturas políticas e as variáveis sócio-econômicas selecionadas. Nesse sentido, as diferenças observadas, quanto ao comportamento eleitoral entre os municípios da metade

norte e os da metade sul do estado, não parecem se relacionar com o grau de urbanização, os níveis de alfabetização ou as discrepâncias de rendimentos, mas sim com outros processos em curso, como a modernização que vem ocorrendo na agricultura. Tal processo que vem se dando em diversas áreas do estado, levando à concentração fundiária e à liberação de mão-de-obra, tem resultado, no entanto, em comportamentos eleitorais diferenciados.

Assim, o norte do Paraná, estruturado a partir da expansão da cafeicultura paulista, com o predomínio de médios e grandes estabelecimentos rurais, vem, desde os anos setenta, apresentando crescente avanço das lavouras de soja e de trigo, com intensa incorporação de tecnologia moderna. Essa região, cujos municípios apresentam elevado grau de urbanização, níveis de alfabetização irregulares e menores discrepâncias quanto aos rendimentos, se constitui numa área agrícola das mais prósperas do País. Pode-se pensar que, nesse contexto de agricultura altamente capitalizada, o eleitorado tenha se identificado com um candidato como FHC, com uma plataforma política mais conservadora.

Ao contrário de Fernando Henrique, Lula obtém melhor desempenho em municípios da porção sul do estado, região que apresenta padrões muito diversificados no que diz respeito aos graus de urbanização, níveis de alfabetização e discrepâncias de rendimentos. Assim como o norte, essa região vem sendo atingida por profundas transformações em seu quadro agrário. É, porém, no sudoeste do Paraná, área estruturada com base na pequena propriedade colonial, que Lula alcança suas maiores votações. Nas últimas décadas, os municípios do sudoeste vêm sofrendo uma intensa desarticulação de sua organização produtiva anterior, com a concentração da terra e o êxodo rural, decorrentes da expansão do cultivo da soja. Este conjunto de fatores contribuiu, no sudoeste, para a organização de 'trabalhadores e produtores rurais sem terra' que se viram excluídos no processo de modernização da agricultura. Assim, a forte mobilização dos sem terra pela realização da Reforma Agrária explicaria as expressivas votações, nessa área do Paraná, alcançadas por Lula, candidato com uma plataforma política de esquerda. Tal situação se assemelha, em termos políticos, ao que vem ocorrendo nas áreas contíguas do oeste de Santa Catarina e noroeste do Rio Grande do Sul, que foram também atingidas pelo processo de modernização da agricultura.

Quanto a Enéas, observa-se que o candidato mantém, no Paraná, o mesmo padrão de maiores votações em municípios mais urbanizados, com melhores níveis de alfabetização e menores discrepâncias de rendimentos, já verificado nos demais estados analisados do Centro-Sul do País. Assim, é nos municípios-sede das cidades mais importantes que Enéas alcança seus mais elevados percentuais de votos, sendo, porém, no oeste do estado que se concentram as mais elevadas porcentagens de votos para o candidato, como em Cascavel e Foz do Iguaçu.

Ao se considerar o desempenho dos principais candidatos na Região Metropolitana de Curitiba, constata-se que FHC e Lula não alcançaram aí seus melhores desempenhos eleitorais. Fernando Henrique obtém em Curitiba 55,6 % dos votos válidos, resultado inferior ao de sua média estadual, sendo nos municípios localizados nos limites da periferia metropolitana, onde se verificam, também, menores níveis de alfabetização e maiores discrepâncias quanto aos rendimentos, que o candidato alcança seus percentuais mais elevados. Já, Lula, com 26,5 % dos votos válidos em Curitiba, obteve percentual mais elevado que o de sua média estadual, mantendo a tendência já observada de maiores votações no núcleo e em municípios do centro da RM, onde normalmente é mais alto o grau de alfabetização e menor a discrepância de rendimentos. Da mesma forma, Enéas alcança em Curitiba votação superior à sua média estadual, observando-se em relação a esse candidato a correlação mais estreita entre maiores votações e níveis mais altos de alfabetização da RM.

Na avaliação do desempenho dos dois principais candidatos à Presidência no Paraná, constata-se que os resultados eleitorais, como já observado, não se relacionam com as estruturas sócio-econômicas, uma vez que tanto FHC quanto Lula obtiveram boas votações em municípios com diferentes graus de urbanização, alfabetização e discrepâncias de rendimentos. Assim, as boas votações obtidas por FHC no Paraná parecem se associar, sobretudo, à capacidade de o candidato estabelecer alianças com as principais lideranças políticas estaduais. De fato, o excelente desempenho alcançado por Fernando Henrique deve-se ao apoio dos dois principais candidatos ao governo estadual, Jaime Lerner, da coligação PDT, PFL, PSDB e PTB, e Álvaro Dias, da coligação PP, PMDB e PPR, que, apesar de rivais no plano estadual, sustentaram sua candidatura à Presidência. Nesse sentido, a situação do Paraná se assemelha à de Minas Gerais, onde FHC contou também com o

apoio dos dois principais candidatos ao governo estadual e acusou, igualmente, um de seus melhores desempenhos do País.

Quanto a Lula, observa-se que seu fraco desempenho se deve, em grande parte, ao fato de o PT não se constituir num partido expressivo no Paraná, além de os partidos que compuseram a coligação que o apoiou não terem apresentado candidatos fortes às eleições para governador ou senador. Na verdade, o candidato alcançou suas melhores votações onde existem movimentos sociais organizados, como o dos 'trabalhadores rurais sem terra' do sudoeste do Paraná.

Os resultados das eleições no Paraná indicam que onde um candidato obtém, como Fernando Henrique, o apoio das principais forças políticas estaduais à sua candidatura, a decisão do eleitor parece transcender os principais fatores condicionadores do voto, como a urbanização, a alfabetização e a discrepância de rendimentos que se mostraram relevantes nos estados em que as principais forças políticas estaduais apoiaram diferentes candidaturas à Presidência.

3.7 Pernambuco

Pernambuco participa com 4,5 % do número total de votos do País, situando-se em sétimo lugar entre os estados brasileiros quanto à sua importância eleitoral. Apesar disso, se constitui num estado politicamente importante que exerce grande influência sobre a Região Nordeste. Nesse estado, enquanto Fernando Henrique, com 53,8 % dos votos válidos, apresenta resultado ligeiramente inferior ao de sua média nacional, Lula, com 37,0 %, registra sua mais elevada votação do País, com exceção daquela obtida no Distrito Federal.

A organização espacial de Pernambuco relaciona-se a domínios naturais muito diferenciados, o litoral, a mata, o agreste e o sertão, que condicionaram as suas formas de ocupação desde o período colonial. Com marcadas diferenças de níveis de pluviosidade, tipos de solos e estruturas de produção, o estado exhibe fortes contrastes, apresentando estruturas espaciais que se diferenciam quanto aos graus de urbanização, níveis de alfabetização, discrepâncias de rendimentos e variação populacional. Assim, a análise do desempenho dos candidatos mais votados em Pernambuco revela certas estruturas da geografia eleitoral que serão consideradas à luz de suas relações com as variáveis sócio-econômicas selecionadas.

A distribuição dos votos para Lula revela um padrão bastante diversificado, observando-se que as maiores votações concentram-se em municípios do litoral, da zona da mata e do sertão. Observa-se, em Pernambuco, que os municípios que apresentam as mais elevadas votações para Lula são, principalmente, os que exibem os melhores níveis de alfabetização e, com frequência, maior grau de urbanização e menores perdas populacionais. Assim, é na Região Metropolitana que o candidato obtém suas mais elevadas votações, sobretudo, nos municípios de Olinda, Cabo e Camaragibe. Já no agreste, Lula acusa seu pior desempenho eleitoral do estado. Convém ressaltar que o bom desempenho de Lula deve-se, ainda, ao fato de a coligação que o apoiou possuir, nesse estado, grande força política, tendo seu candidato ao governo estadual, Miguel Arraes, saído vitorioso já no primeiro turno das eleições.

Contrariando o padrão de votação apresentado por Lula, Fernando Henrique exibe seus melhores resultados em municípios que se concentram no agreste pernambucano. Observa-se que grande parte dos municípios dessa área apresenta menores níveis de alfabetização e revelou, ao longo da década de oitenta, uma situação de evasão populacional. Nas demais regiões do estado, no litoral, na zona da mata e no sertão, apesar de o candidato não ter apresentado suas votações mais elevadas, registram-se significativos percentuais. Da mesma forma, os municípios que integram a RM, a despeito dos resultados expressivos, não se destacam, no estado, pelas votações mais significativas para FHC. Em Recife, por exemplo, os dois candidatos protagonizaram uma acirrada disputa eleitoral, vencida por Fernando Henrique, por pequena margem de votos, ao obter 45,9 % enquanto Lula alcançou 44,9 %. Convém observar que o bom desempenho de FHC em Pernambuco se deveu, fundamentalmente, à força do PFL e ao apoio dos grupos conservadores, já que o seu partido, o PSDB, não possui expressão no estado.

3.8 Ceará

O Ceará participa com 4,0 % do número total de votos do País, situando-se em oitavo lugar entre os estados brasileiros quanto à sua importância eleitoral. Nesse estado, enquanto Fernando Henrique obteve 61,2 % dos votos válidos, resultado superior ao de sua média nacional, Lula com 27,0 % registra votação equivalente à alcançada no País. Cabe ressaltar que no Ceará FHC apresenta um de seus melhores

desempenhos, dentre os estados analisados, inferior apenas ao resultado alcançado por este candidato em Minas Gerais.

A distribuição espacial dos votos dos candidatos revela acentuados contrastes entre os diversos municípios do estado. A análise dos resultados eleitorais mostrou, no entanto, que na maior parte dos municípios do Ceará não há nítidas correlações entre as estruturas políticas e as estruturas sócio-econômicas, ao contrário do observado na maioria dos estados analisados.

O Ceará se caracteriza, quanto à maioria das variáveis sócio-econômicas consideradas, por um padrão diversificado, no qual alternam-se no espaço municípios com diferentes situações, como, por exemplo, altos e baixos graus de urbanização, de alfabetização e de discrepâncias de rendimentos. A organização espacial do Ceará se estrutura a partir de sua rede urbana que se caracteriza pelo papel preponderante de Fortaleza que se articula com os principais centros urbanos regionais através de importantes eixos viários. Assim, além de municípios que integram a Região Metropolitana de Fortaleza, destacam-se Itapipoca e Sobral, no norte, Quixadá, no centro, e Iguatu, Crato e Juazeiro do Norte, no sul. Em linhas gerais, observa-se que os municípios com maior grau de urbanização apresentam, também, melhores condições de alfabetização de sua população. Porém, tal situação contrasta, freqüentemente, com os baixos níveis de alfabetização existentes em municípios situados em seu entorno. Na realidade, o Ceará acompanha o padrão nordestino de baixas taxas de alfabetização, uma vez que apenas um reduzido número de municípios apresenta mais de 50,0 % de sua população alfabetizada.

Da mesma forma que a alfabetização, o Ceará acompanha o padrão dos estados nordestinos de elevados níveis de pobreza, situando-se entre aqueles que apresentam as mais acentuadas discrepâncias de rendimentos. A distribuição da pobreza revela um padrão semelhante ao da urbanização e da alfabetização, na medida em que se intercalam no espaço municípios com altos e baixos níveis de discrepâncias de rendimentos. De fato, a pobreza no Ceará possui raízes estruturais ligadas à falta de equacionamento do problema das secas periódicas, que desestruturam a economia e afetam duramente sua população, à forte concentração da terra e a relações de trabalho espoliativas. Grande parte de seu território é recoberto pela vegetação de caatinga, nos sertões semi-áridos, onde se pratica a pecuária extensiva e se cultiva o algodão, com

baixo nível tecnológico e pequena produtividade. Além disso, ao lado de um reduzido número de proprietários, que detêm a maior parte da área dos estabelecimentos rurais, tem-se um grande contingente de pequenos produtores, que dificilmente conseguem sobreviver com o trabalho familiar. Cabe observar que as situações mais agudas quanto à pobreza, encontram-se, sobretudo, em municípios do interior, com pequena expressão demográfica, enquanto os municípios com maior grau de urbanização apresentam, geralmente, os mais baixos níveis de discrepâncias de rendimentos.

Ao se analisar a distribuição dos votos dos candidatos à Presidência, pelos municípios, constata-se que as estruturas políticas, como já assinalado, não se correlacionam, de forma clara, com as estruturas sócio-econômicas. Assim, observa-se que FHC acusa bom desempenho em municípios mais e menos urbanizados, com altos e baixos níveis de alfabetização e com diferentes graus de discrepâncias de rendimentos. Na verdade, o candidato é bem votado em todo o estado, uma vez que o seu mais baixo percentual, 33,27 %, é superior à média estadual alcançada por Lula, da ordem de 27,0 %. Ao que tudo indica, o bom desempenho de FHC deve-se ao fato de o seu partido possuir, nesse estado, enorme força política, tendo seu candidato ao governo estadual, Tasso Jereissati, saído vitorioso já no primeiro turno das eleições. O PSDB elegeu, ainda, no Ceará, um senador e a metade da bancada de deputados federais.

Quanto a Lula, observa-se que seu fraco desempenho nas eleições no Ceará, quando comparado com os resultados alcançados em Pernambuco e na Bahia, se deve ao fato de o PT não possuir expressão, em grande parte do território cearense, além de os partidos que compuseram a coligação que o apoiou não terem apresentado candidatos fortes às eleições para governador ou senador. A distribuição dos votos para Lula indica que, assim como Fernando Henrique, o candidato é bem votado em municípios com alto e baixo grau de urbanização, com diferentes níveis de alfabetização e de discrepâncias de rendimentos. Na verdade, a votação alcançada por Lula parece expressar, em grande parte, a oposição a Tasso Jereissati e a Ciro Gomes que, desde as eleições para governador em 1986, se alternam no comando da política cearense.

Ao se analisar os resultados eleitorais na Região Metropolitana de Fortaleza, percebe-se, no entanto, certas correlações entre estru-

ras políticas e variáveis sócio-econômicas, o que não se observou, de forma clara, nos demais municípios do estado. Assim, Lula alcançou seu melhor desempenho eleitoral em Fortaleza e Maracanaú, onde se verificam, também, os níveis educacionais mais altos da RM. Já Fernando Henrique, obteve seu melhor desempenho eleitoral em municípios localizados nos limites da periferia metropolitana, como Guaiúba e Maranguape, onde são mais baixos os níveis de alfabetização. Em Fortaleza, FHC com 46,1 % dos votos válidos e Lula com 42,6 % protagonizaram uma acirrada disputa eleitoral, ao contrário do que ocorreu na grande maioria dos municípios do interior do estado.

Considerações finais

As estruturas da geografia eleitoral, identificadas a partir das correlações realizadas entre os mapeamentos, a nível municipal, dos resultados das eleições presidenciais de 1994 e das variáveis sócio-econômicas selecionadas, revelaram certas características quanto ao comportamento dos eleitores dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Paraná, Pernambuco e Ceará.

Assim, considerando-se uma clivagem baseada em graus de urbanização da população, constata-se que o desempenho dos principais candidatos à Presidência se diferencia, em grande parte, em função desse fator. Nesse sentido, Luis Inácio Lula da Silva obtém seus melhores resultados em municípios mais urbanizados, onde também se registram níveis de alfabetização mais altos e menores discrepâncias quanto aos rendimentos. Tal situação pode ser observada, principalmente, nas Regiões Metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador, Recife e Fortaleza. Da mesma forma, verificam-se, também, elevadas votações para Lula em municípios onde existe concentração industrial, a exemplo do Vale do Aço, em Minas Gerais, e do complexo Siderúrgico de Volta Redonda, no Rio de Janeiro. Além disso, Lula acusa algumas de suas melhores votações em municípios do interior com menor grau de urbanização, onde existem, porém, movimentos sociais organizados, como o dos 'trabalhadores rurais sem terra', no noroeste do Rio Grande do Sul e no sudoeste do Paraná.

Já Fernando Henrique Cardoso, apesar de alcançar excelentes votações nos estados em questão, é em municípios menos urbanizados, que apresentam, freqüentemente, menores níveis de alfabetização e

maiores discrepâncias de rendimentos, que o candidato alcança suas mais elevadas votações. Nesse caso incluem-se municípios do oeste e sul de São Paulo, do noroeste do Rio de Janeiro, do nordeste e sudeste do Rio Grande do Sul, do oeste e centro-sul da Bahia e do agreste pernambucano. Nas Regiões Metropolitanas, apesar de FHC apresentar elevados percentuais de votos, estes não representam seus melhores desempenhos eleitorais. Tal situação deve-se, provavelmente, ao fato de o eleitorado urbano ter, normalmente, um comportamento politicamente mais independente, ao contrário dos eleitores das áreas rurais que se encontram submetidos, com frequência, ao poder dos grandes proprietários de terra do interior do Brasil. Além disso, o temor em relação à política agrária de um candidato de esquerda como Lula levou os 'coronéis' a apoiarem Fernando Henrique.

Ao contrário da maioria dos estados considerados, Minas Gerais, Paraná e Ceará revelam um padrão onde as estruturas políticas, no caso dos dois principais candidatos, não se correlacionam de forma nítida com as estruturas sócio-econômicas. Assim, constata-se que FHC e Lula são bem votados, tanto em municípios mais urbanizados, quanto menos urbanizados, com altos e baixos níveis de alfabetização, com maiores e menores discrepâncias de rendimentos. Nesse sentido, o desempenho de FHC em Minas e no Paraná parece associar-se, principalmente, às alianças estabelecidas pelo candidato com as lideranças políticas estaduais. De fato, os resultados eleitorais nesses estados indicam que onde Fernando Henrique obteve o apoio dos dois principais candidatos ao governo estadual, contando, assim, com dois 'palanques', o voto do eleitor parece não ter tido relação com as estruturas sócio-econômicas que se mostraram relevantes nos estados em que as principais forças políticas estaduais apoiaram diferentes candidaturas à Presidência. Já, no caso do Ceará, o bom desempenho de Fernando Henrique deve-se, em grande medida, às boas administrações de Tasso Jereissati e Ciro Gomes, políticos do PSDB, que vêm se alternando à frente do Governo estadual, desde as eleições para governador em 1986.

O terceiro candidato mais bem votado, Enéas Carneiro, apresentou um padrão de votação essencialmente urbano, em municípios que se concentram no centro-sul do País e exibem, geralmente, níveis educacionais mais altos e menores discrepâncias de rendimentos, o que se verifica nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná. Considerando-se que Enéas constitui-se num

candidato independente da estrutura partidária convencional, com votação expressiva nas áreas mais urbanizadas, o voto no candidato parece representar um 'protesto' dos eleitores desiludidos com a política. Quanto aos demais candidatos, não foi possível identificar estruturas da geografia eleitoral dado o caráter localizado de suas votações; dentre os estados considerados, Orestes Quércia obteve bom desempenho apenas em São Paulo, Leonel Brizola, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, e Esperidião Amin, no Rio Grande do Sul.

A análise das eleições de 1994 não pode deixar de considerar, ainda, a força dos partidos nos estados, o papel das alianças políticas, bem como das lideranças regionais que, ao lado das estruturas sócio-econômicas, são fundamentais para a compreensão dos resultados obtidos pelos candidatos à Presidência. Assim, o bom desempenho de Lula nos estados em questão decorre, não só da força do PT no Rio Grande do Sul, em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, mas também das alianças estabelecidas com Miguel Arraes, do PSB, em Pernambuco, e com os adversários de Antônio Carlos Magalhães, na Bahia. Já Fernando Henrique, deve seu sucesso eleitoral, entre outras razões, à força do PSDB no Ceará, em São Paulo e no Rio de Janeiro, ao apoio do PMDB de Antônio Brito no Rio Grande do Sul, e à adesão que obteve em Minas e no Paraná dos dois candidatos mais fortes aos governos estaduais. Além disso, foi fundamental para a candidatura de FHC a aliança com o PFL, através da qual obteve o apoio de Antônio Carlos Magalhães, na Bahia, e de Marco Maciel, em Pernambuco, candidato à Vice-presidência da República, na chapa encabeçada por FHC.

Assim, a base de sustentação da candidatura de FHC compunha-se, não só do PSDB, partido bem implantado apenas em São Paulo e no Ceará, mas, também, do PFL, partido essencialmente nordestino, reunindo, desse modo, a 'elite moderna' de São Paulo com a 'elite tradicional' do Nordeste. Além disso, FHC contou também com o apoio das classes dirigentes mineira e gaúcha que, desde a Revolução de 1930, disputam com São Paulo o comando do País. Acrescenta-se, ainda, que, após o período de turbulência com o *impeachment* do Presidente Collor e a frustração com o seu governo, havia um forte anseio popular por estabilidade política e controle da inflação. Nesse contexto, Fernando Henrique, na condição de Ministro da Fazenda do Governo Itamar Franco, lançou o Plano Real que, ao obter ampla aceitação popular, foi decisivo para a sua vitória.

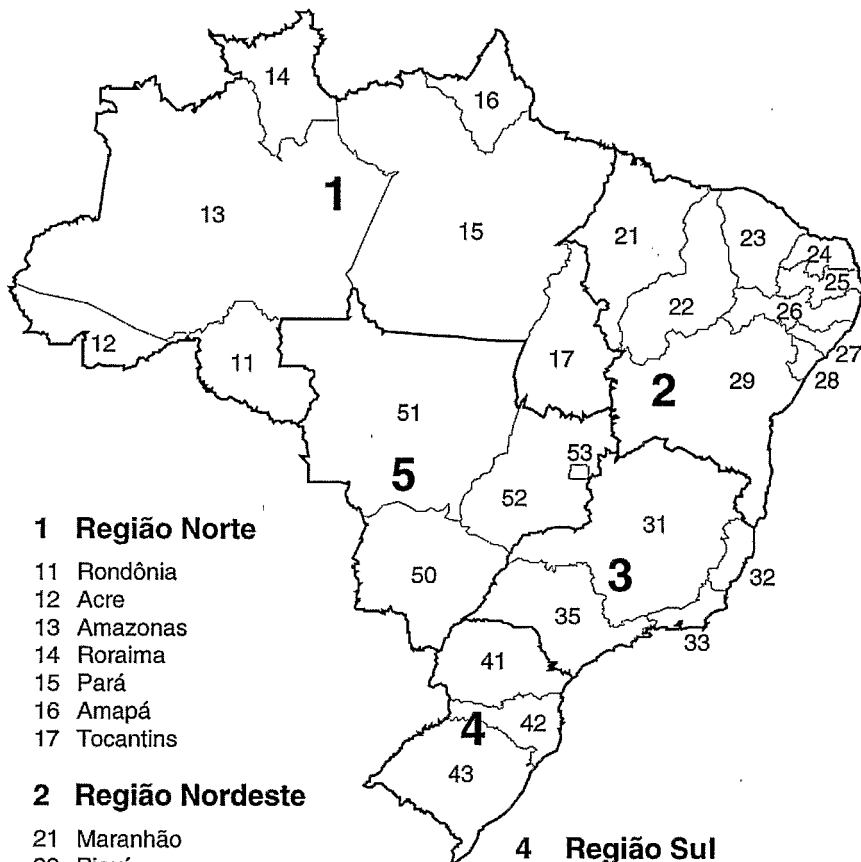
O presente trabalho, embora de caráter exploratório, foi capaz de revelar, no entanto, certas estruturas da geografia eleitoral, identificando padrões mais gerais, comuns aos diferentes estados analisados, e situações peculiares, específicas de determinadas áreas. Porém, ao considerar apenas uma eleição presidencial e se restringir a oito unidades da Federação, este estudo levanta algumas indagações, tais como: os padrões encontrados nos oito estados se reproduzem nos demais? as estruturas eleitorais identificadas em 1994 serão encontradas noutras eleições presidenciais, como a ocorrida em 1989 e a que se realizará em 1998? Nesse sentido, mapeamentos eleitorais que considerem a totalidade do espaço brasileiro, em diferentes escalas e em diversas eleições, poderão contribuir para a identificação de estruturas espaciais que revelem a dinâmica eleitoral, vale dizer, a continuidade ou a mudança, ao longo do tempo, do comportamento dos eleitores brasileiros.

Bibliografia:

- Amaral, Roberto (coord.). *FHC: os paulistas no poder*. Niterói: Casa Jorge Editorial, 1995.
- Bon, Frédéric & Cheylan, Jean-Paul. *La France qui vote*. Paris: Hachette, 1988.
- Dimenstein, Gilberto & Souza, Josias de. *A história real: trama de uma sucessão*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.
- Fundação IBGE. *Geografia do Brasil: Região Sul*. Volume 2. Rio de Janeiro, 1990.
- _____. *Sinopse Preliminar do Censo Demográfico de 1991*. Rio de Janeiro.
- _____. *Situação Demográfica, Social e Econômica: primeiras considerações*. Rio de Janeiro, 1995.
- Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 1-10-94 a 31-10-94.
- Marchal, Odile et al. La géographie électorale du Brésil apr'ès l'élection présidentielle de 1989. *Cahiers des Sciences Humaines*, 28 (3) 1992, p.535-554.
- Revista Veja. São Paulo, ano 27, números 40-48, outubro e novembro de 1994.

4. Anexo: mapas & gráficos

4.1 Brasil



1 Região Norte

- 11 Rondônia
- 12 Acre
- 13 Amazonas
- 14 Roraima
- 15 Pará
- 16 Amapá
- 17 Tocantins

2 Região Nordeste

- 21 Maranhão
- 22 Piauí
- 23 Ceará
- 24 Rio Grande do Norte
- 25 Paraíba
- 26 Pernambuco
- 27 Alagoas
- 28 Sergipe
- 29 Bahia

3 Região Sudeste

- 31 Minas Gerais
- 32 Espírito Santo
- 33 Rio de Janeiro
- 35 São Paulo

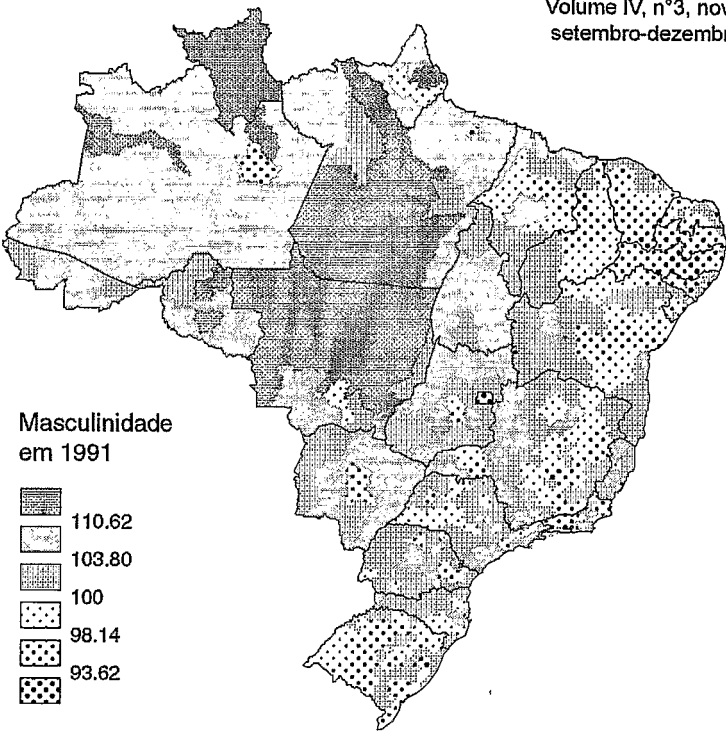
4 Região Sul

- 41 Paraná
- 42 Santa Catarina
- 43 Rio Grande do Sul

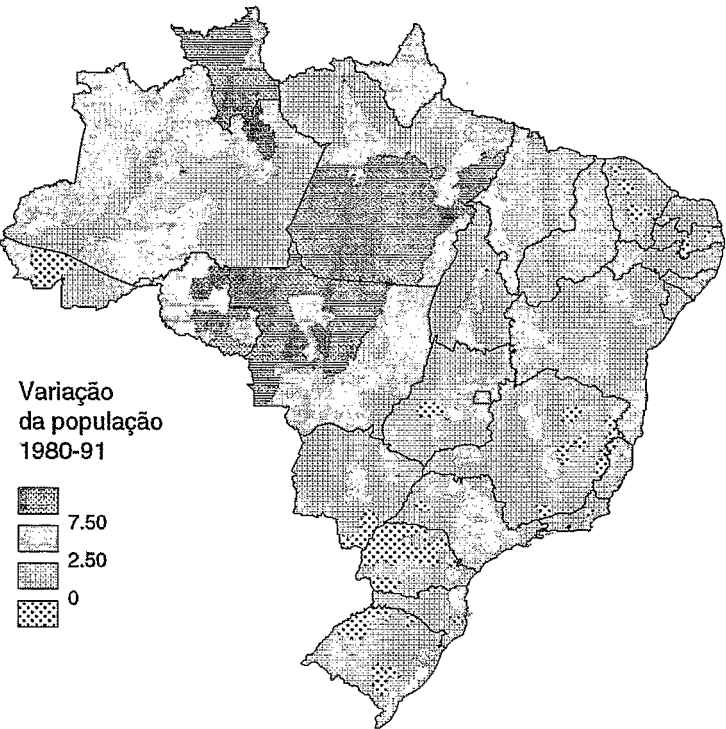
5 Região Centro-Oeste

- 50 Mato Grosso do Sul
- 51 Mato Grosso
- 52 Goiás
- 53 Distrito Federal

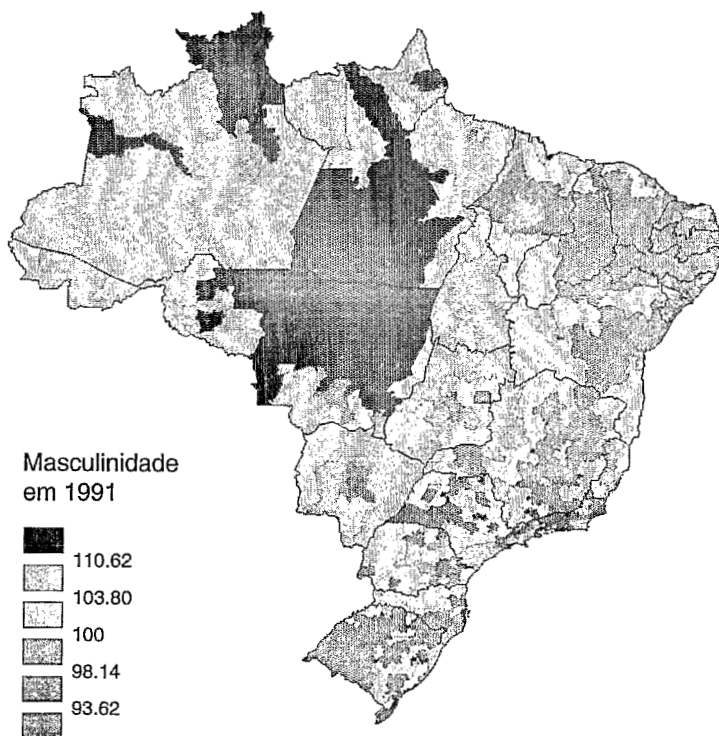
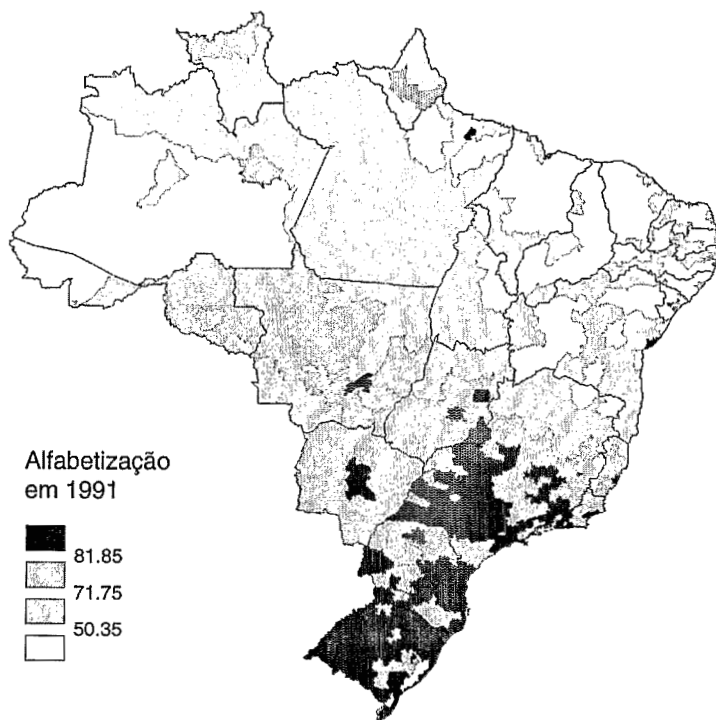
página 55

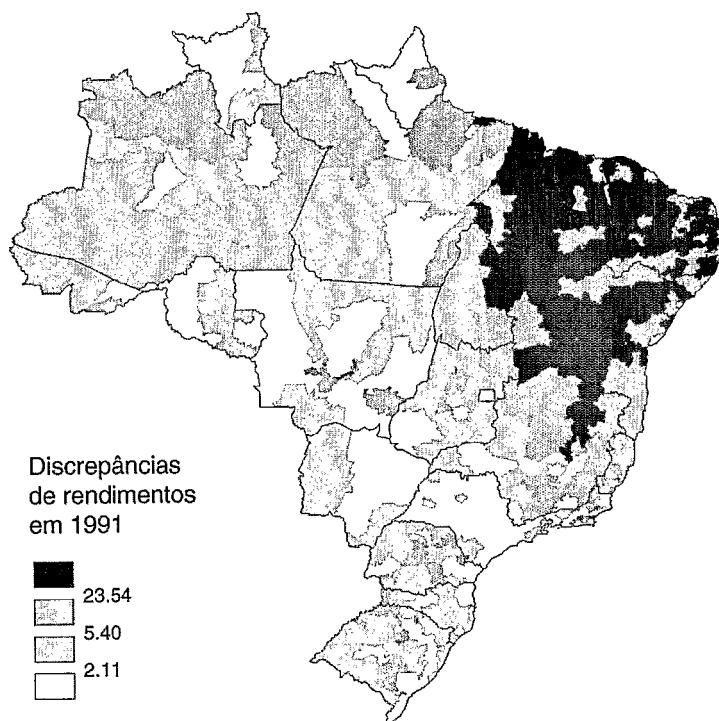
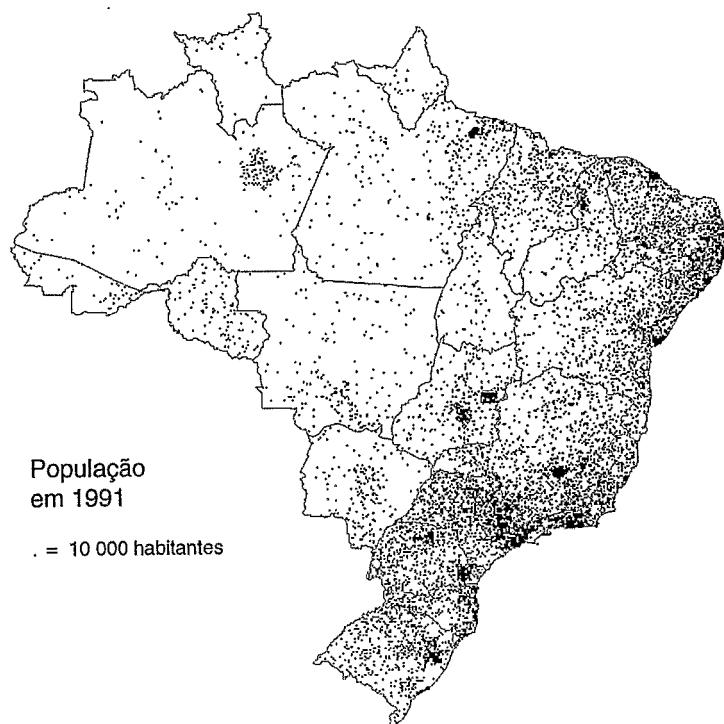


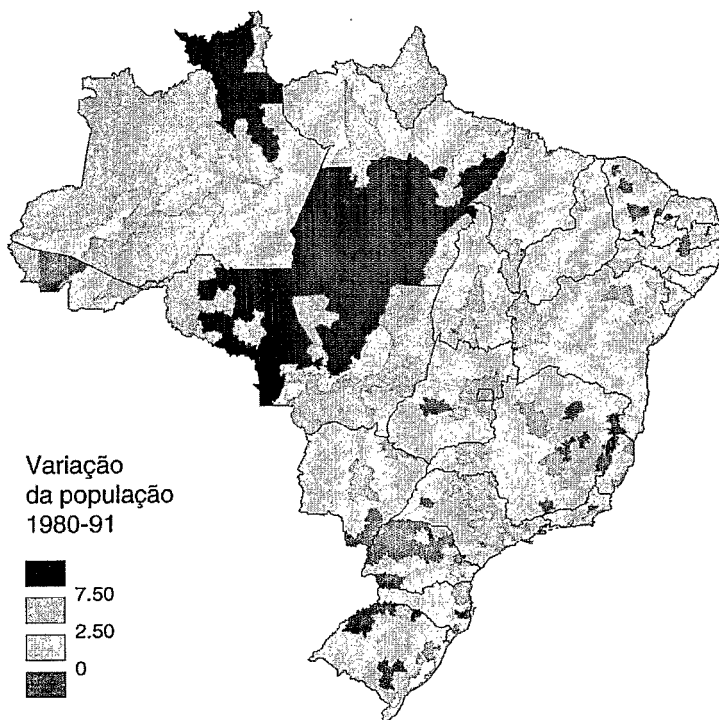
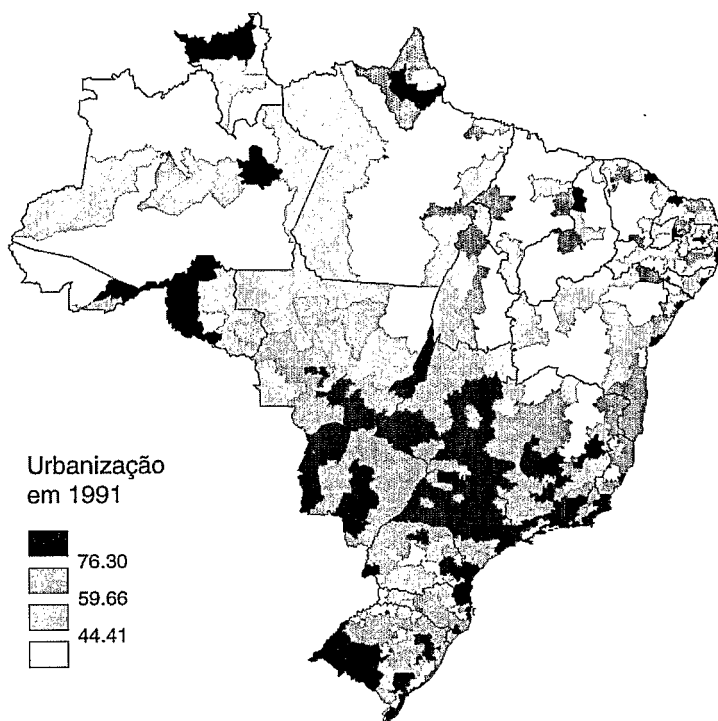
página 57

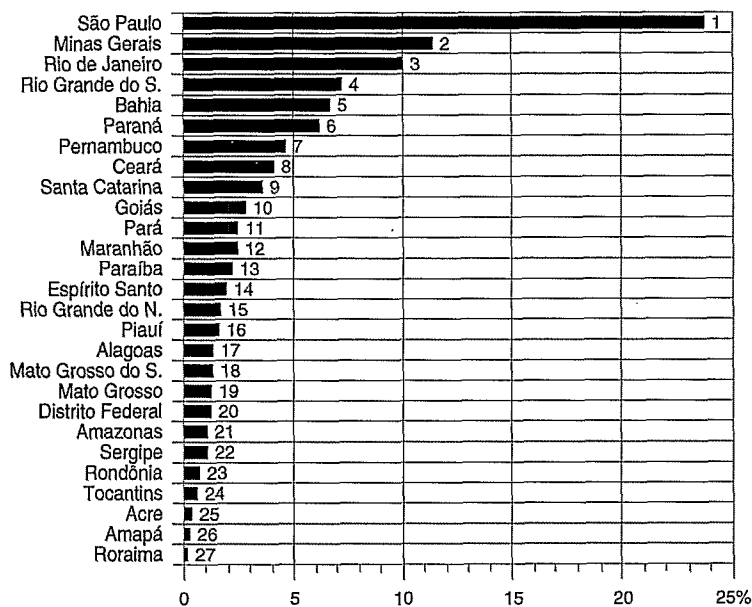
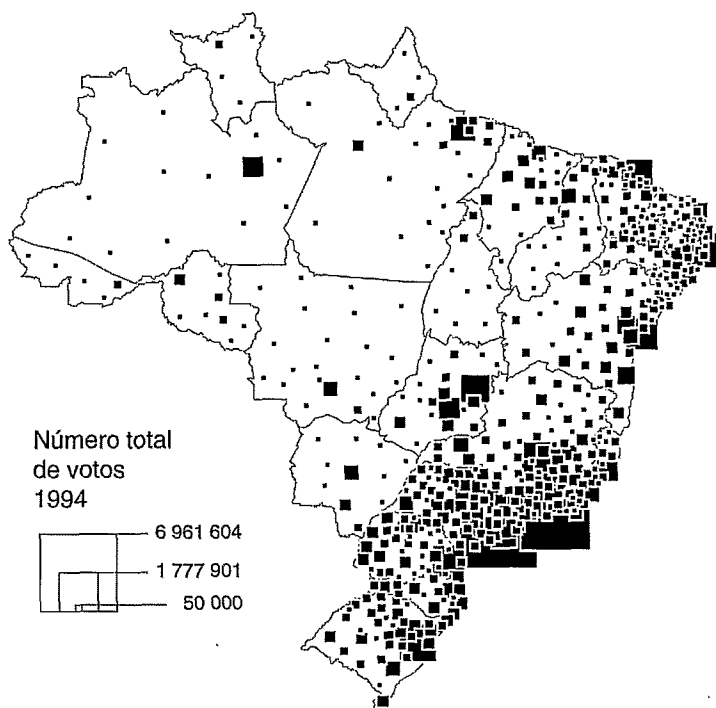




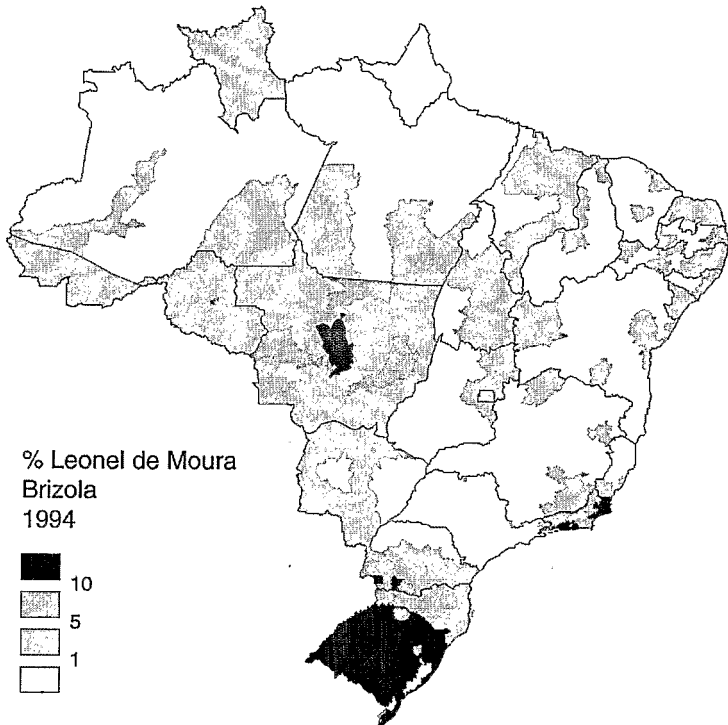
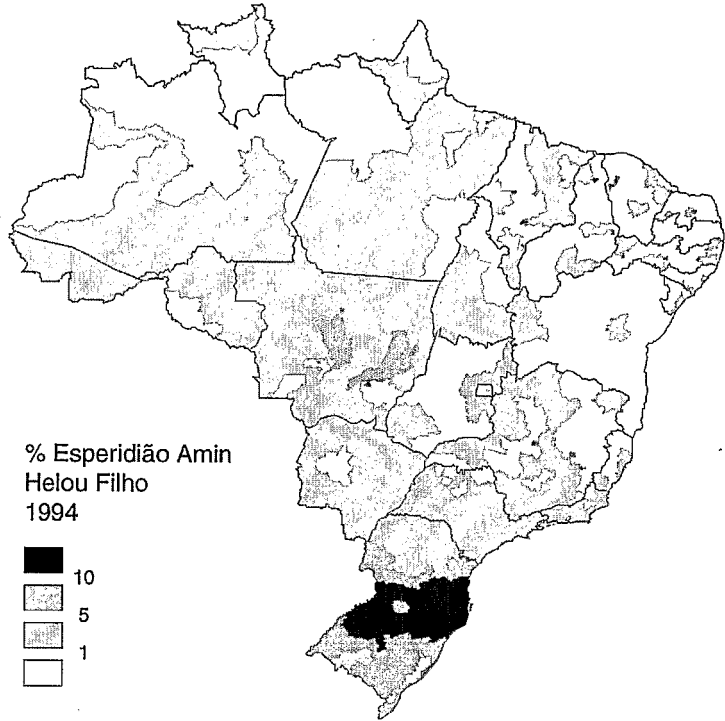


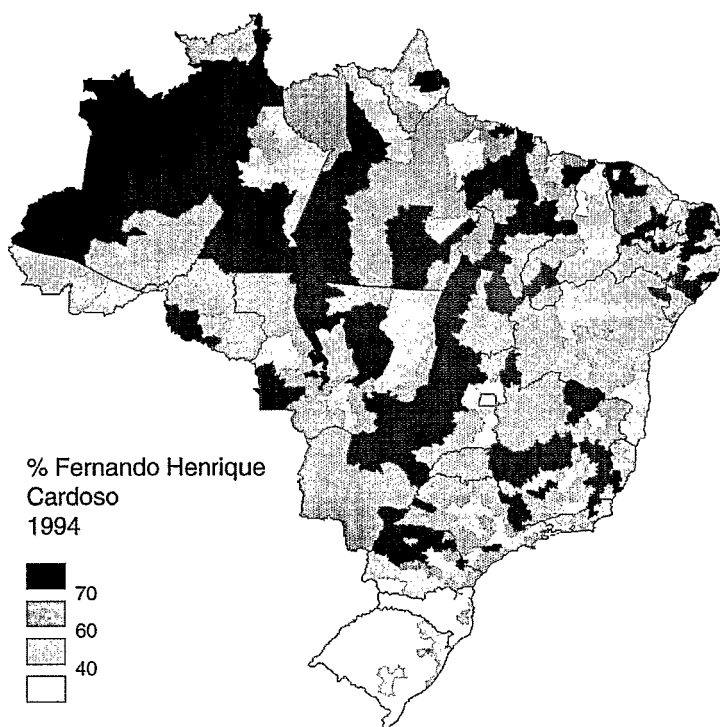
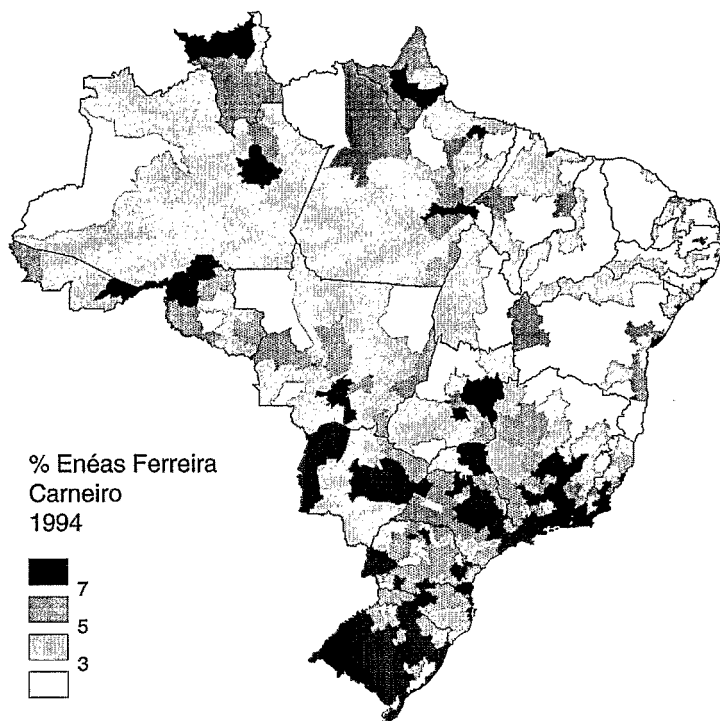


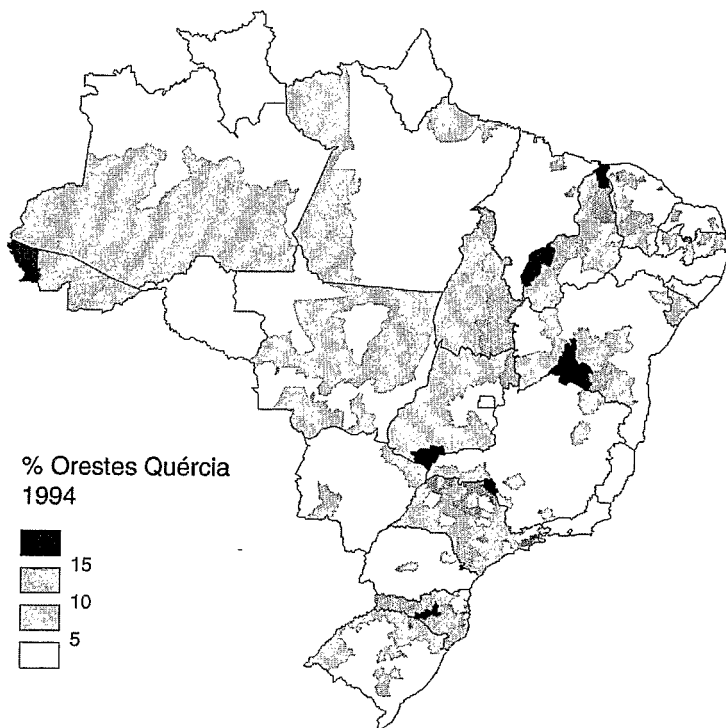
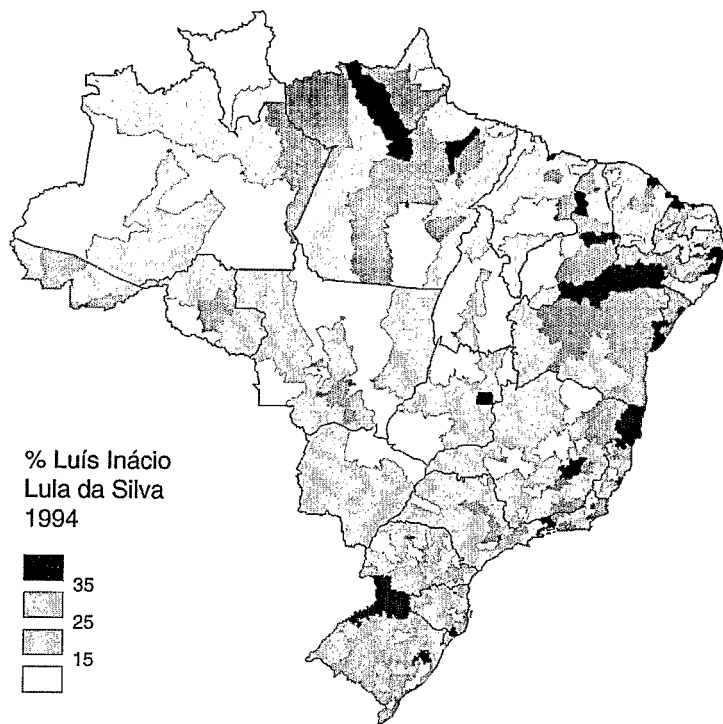


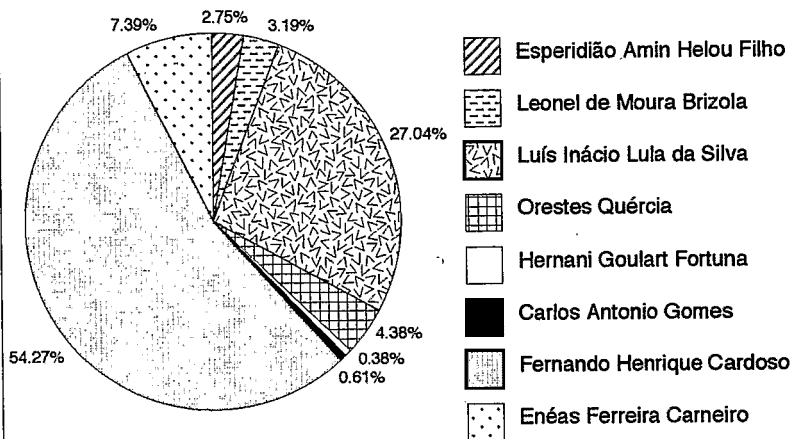


% do número total de votos no Brasil
na eleição presidencial de 1994

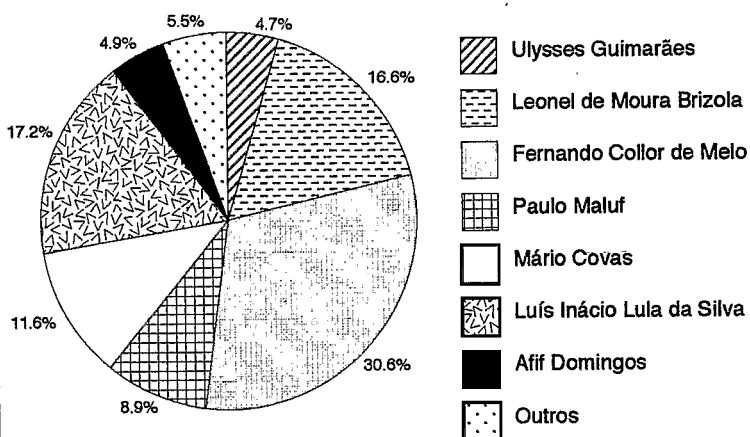








% do número de votos válidos no Brasil
na eleição presidencial de 1994



% do número de votos válidos no Brasil
no primeiro turno da eleição presidencial de 1989

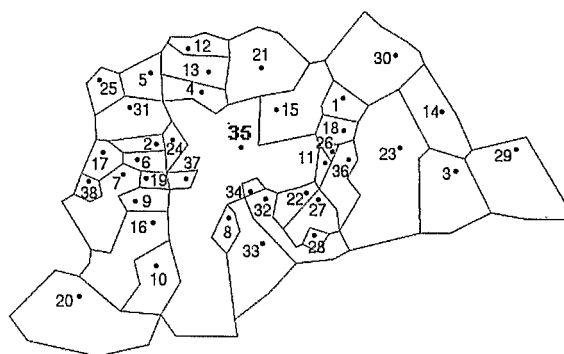
página 63

4.2 São Paulo

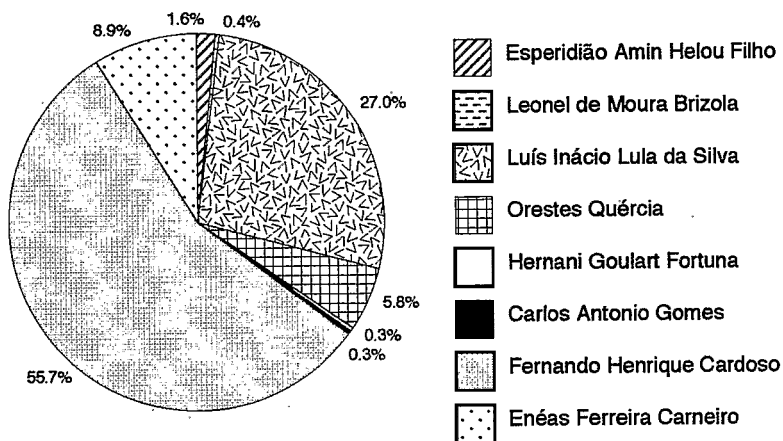


- | | |
|-------------------|---------------------------|
| 1. Bauru | 10. Santos |
| 2. Campinas | 11. São José do Rio Preto |
| 3. Carapicuíba | 12. São José dos Campos |
| 4. Franca | 13. São Paulo |
| 5. Guarujá | 14. São Vicente |
| 6. Jundiaí | 15. Sorocaba |
| 7. Limeira | 16. Sumaré |
| 8. Piracicaba | 17. Taubaté |
| 9. Ribeirão Preto | |

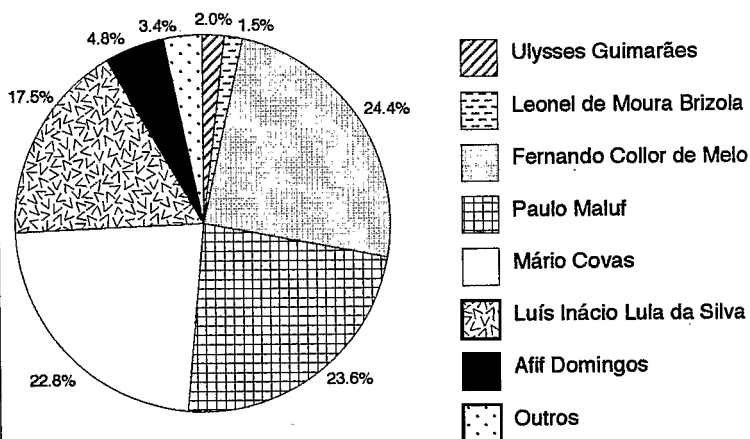
4.2 São Paulo



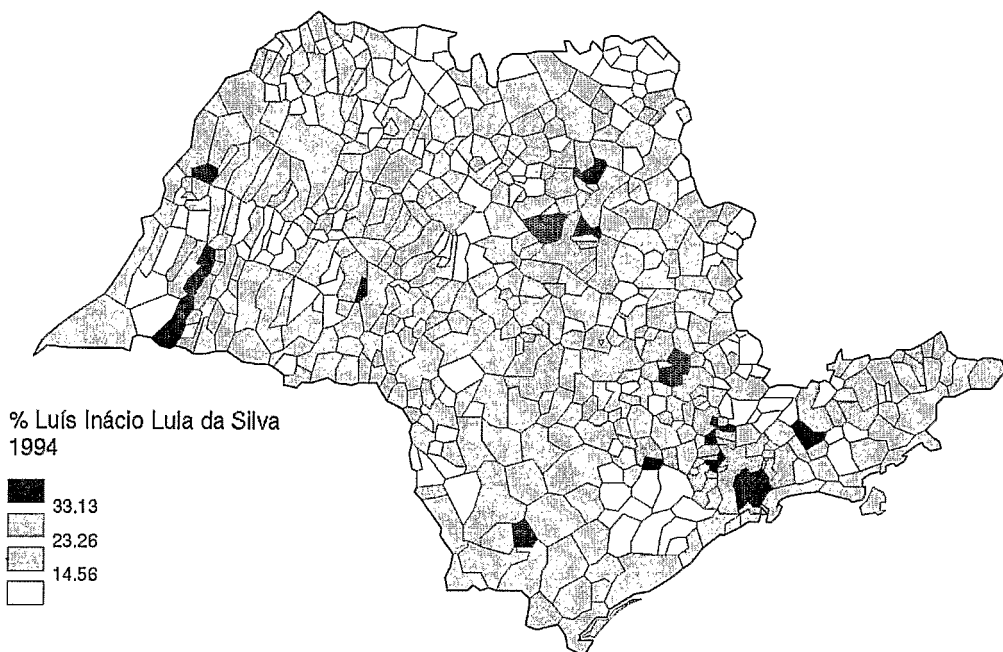
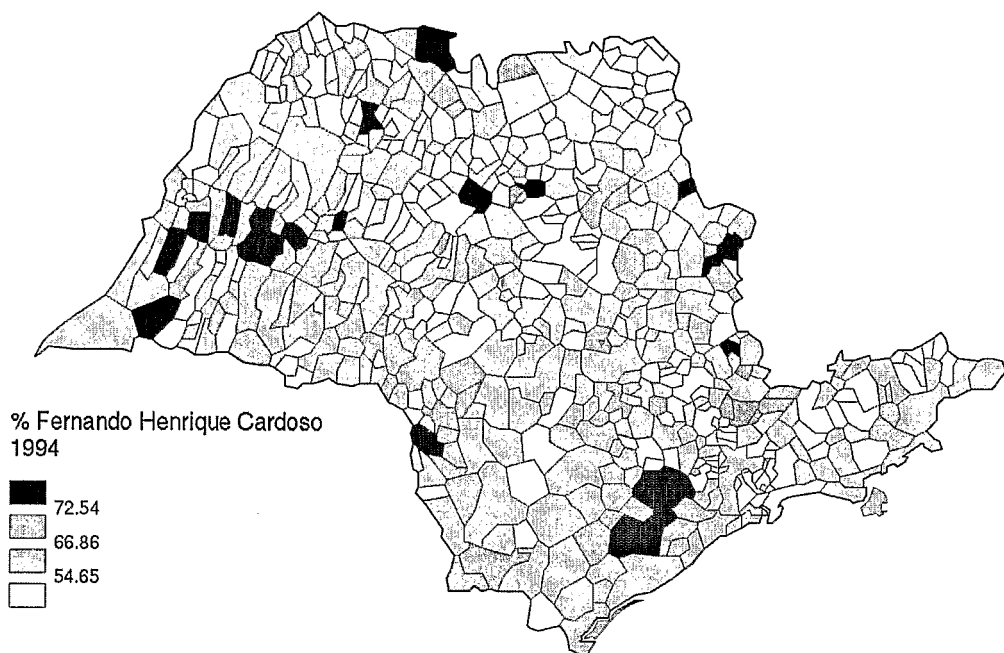
- | | |
|---------------------------|----------------------------|
| 1. Arujá | 20. Juquitiba |
| 2. Barueri | 21. Mairiporã |
| 3. Biritiba Mirim | 22. Mauá |
| 4. Caieiras | 23. Moji das Cruzes |
| 5. Cajamar | 24. Osasco |
| 6. Carapicuíba | 25. Pirapora do Bom Jesus |
| 7. Cotia | 26. Poá |
| 8. Diadema | 27. Ribeirão Pires |
| 9. Embu | 28. Rio Grande da Serra |
| 10. Embu-Guaçu | 29. Salesópolis |
| 11. Ferraz de Vasconcelos | 30. Santa Isabel |
| 12. Francisco Morato | 31. Santana de Parnaíba |
| 13. Franco da Rocha | 32. Santo André |
| 14. Guararema | 33. São Bernardo do Campo |
| 15. Guarulhos | 34. São Caetano do Sul |
| 16. Itapeverica da Serra | 35. São Paulo |
| 17. Itapevi | 36. Suzano |
| 18. Itaquaquecetuba | 37. Taboão da Serra |
| 19. Jandira | 38. Vargem Grande Paulista |



% do número de votos válidos em São Paulo
na eleição presidencial de 1994



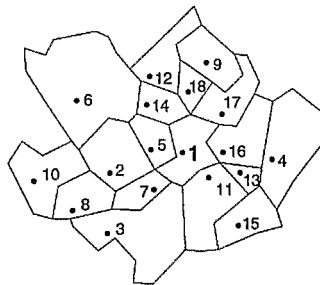
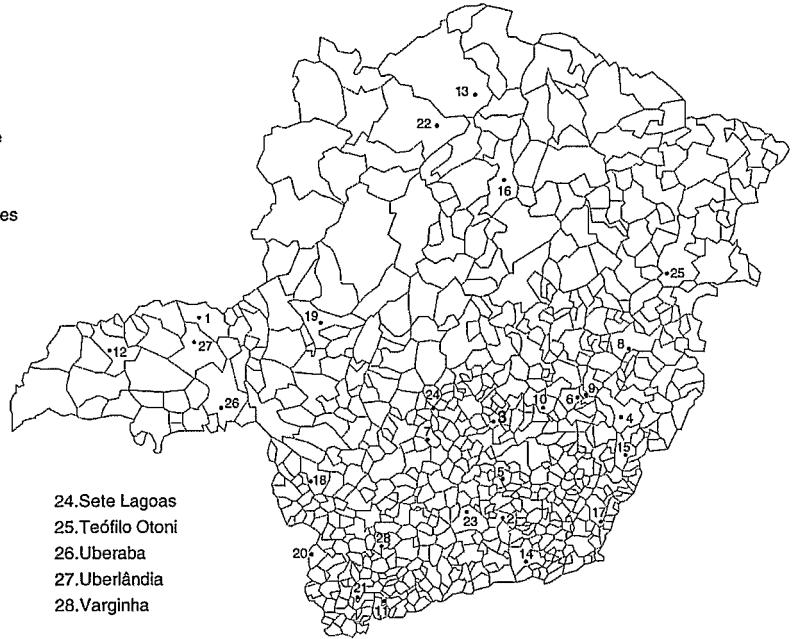
% do número de votos válidos em São Paulo
no primeiro turno da eleição presidencial de 1989



4.3 Minas Gerais

- 1.Araguari
- 2.Barbacena
- 3.Belo Horizonte**
- 4.Caratinga
- 5.Conselheiro Lafaiete
- 6.Coronel Fabriciano
- 7.Divinópolis
- 8.Governador Valadares
- 9.Ipatinga
- 10.Itabira
- 11.Itajubá
- 12.Ituiutaba
- 13.Januária
- 14.Juiz de Fora
- 15.Manhuaçu
- 16.Montes Claros
- 17.Muriáe
- 18.Passos
- 19.Patos de Minas
- 20.Poços de Caldas
- 21.Pouso Alegre
- 22.São Francisco
- 23.São João del Rei

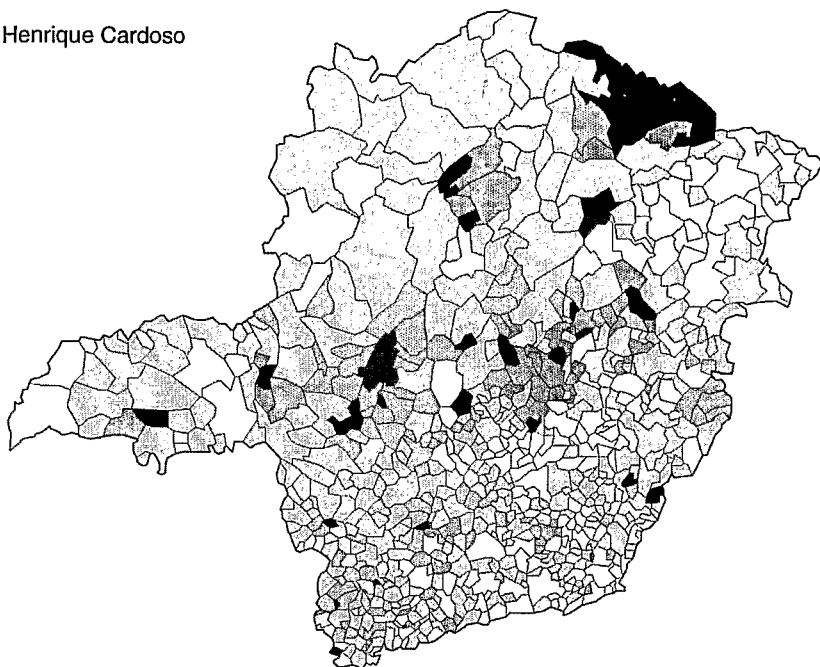
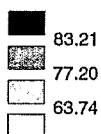
- 24.Sete Lagoas
- 25.Teófilo Otoni
- 26.Uberaba
- 27.Uberlândia
- 28.Varginha



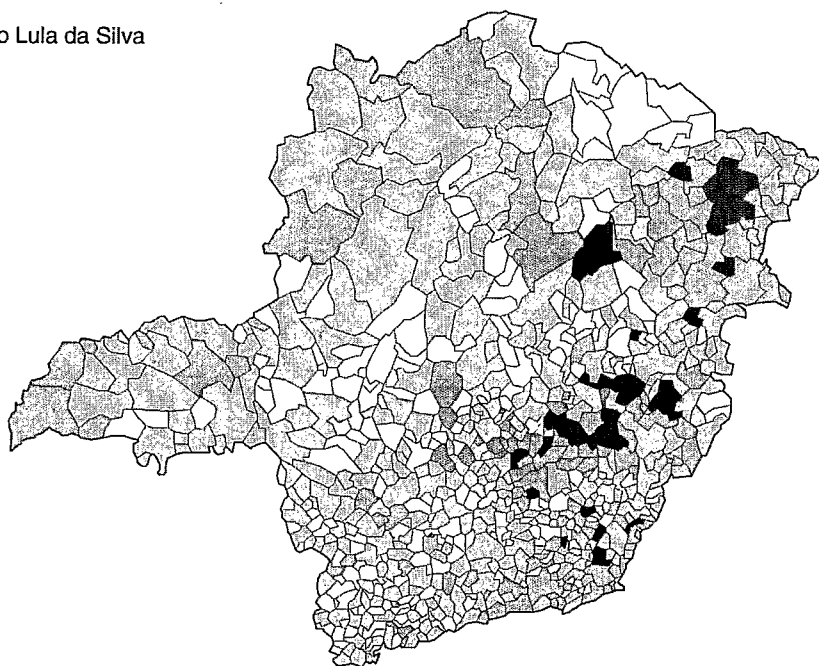
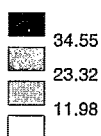
1.Belo Horizonte

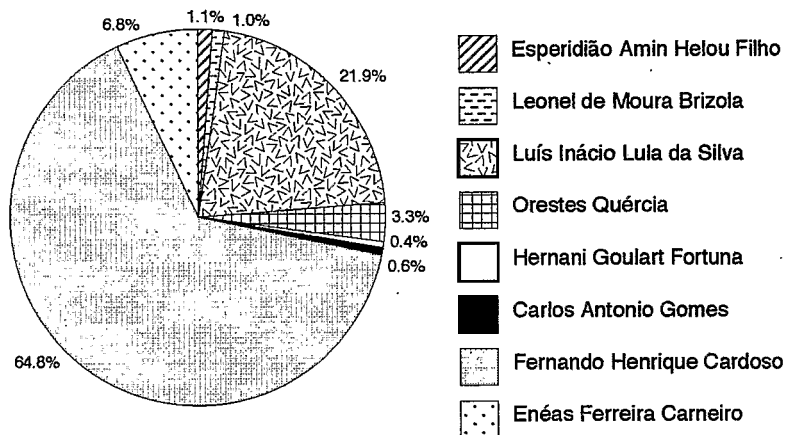
- 2.Betim
- 3.Brumadinho
- 4.Caeté
- 5.Contagem
- 6.Esmeraldas
- 7.Ibirité
- 8.Igarapé
- 9.Lagoa Santa
- 10.Mateus Leme
- 11.Nova Lima
- 12.Pedro Leopoldo
- 13.Raposos
- 14.Ribeirão das Neves
- 15.Rio Acima
- 16.Sabará
- 17.Santa Luzia
- 18.Vespasiano

% Fernando Henrique Cardoso
1994

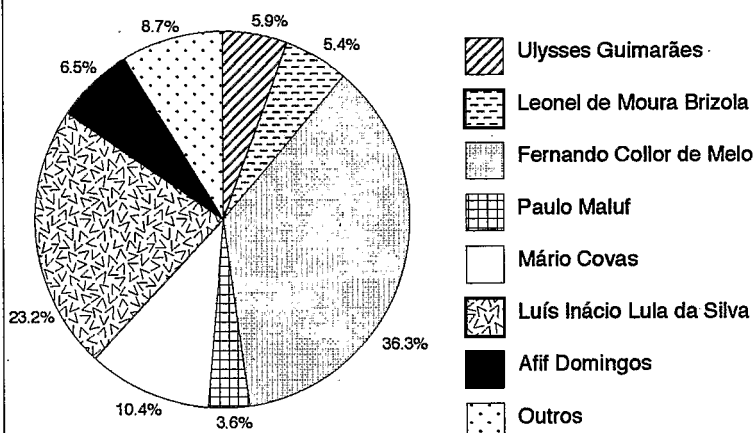


% Luís Inácio Lula da Silva
1994



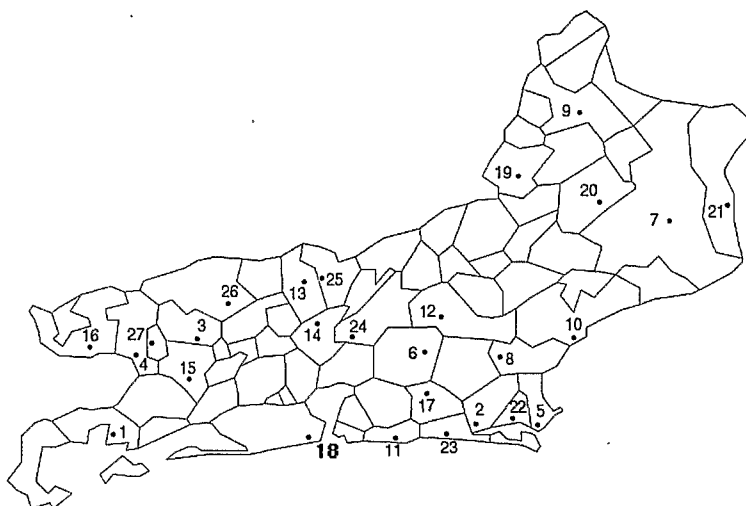


% do número de votos válidos em Minas Gerais
na eleição presidencial de 1994

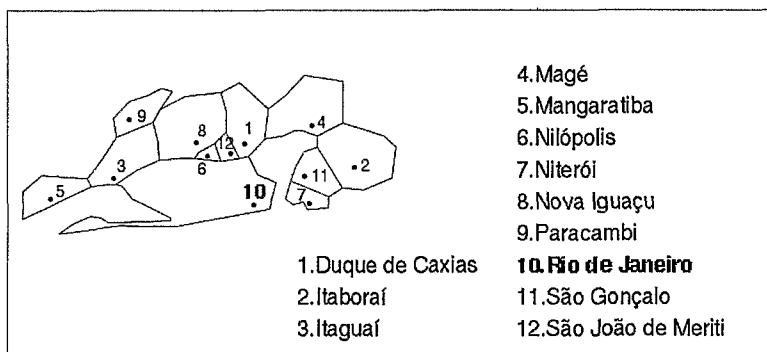


% do número de votos válidos em Minas Gerais
no primeiro turno da eleição presidencial de 1989

4.4 Rio de Janeiro

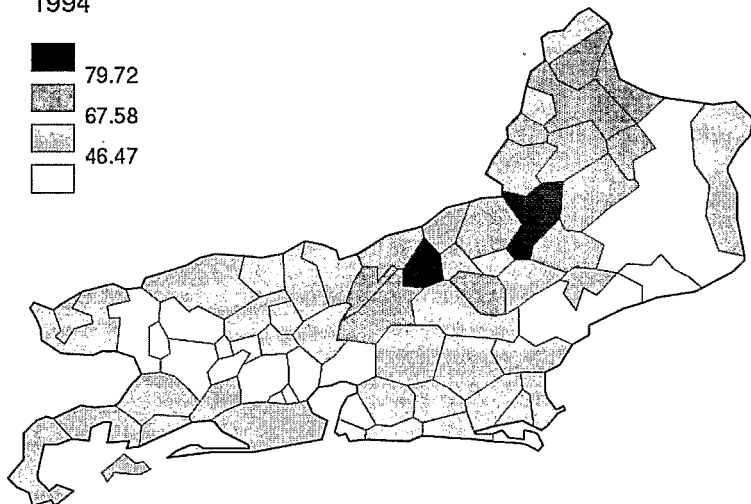


- | | | |
|--------------------------|---------------------------|----------------------------|
| 1. Angra dos Reis | 10. Macaé | 19. Santo Antonio de Pádua |
| 2. Araruama | 11. Maricá | 20. São Fidelis |
| 3. Barra do Piraí | 12. Nova Friburgo | 21. São João da Barra |
| 4. Barra Mansa | 13. Paraíba do Sul | 22. São Pedro da Aldeia |
| 5. Cabo Frio | 14. Petrópolis | 23. Saquarema |
| 6. Cachoeiras de Macacu | 15. Piraí | 24. Teresópolis |
| 7. Campos dos Goytacazes | 16. Resende | 25. Três Rios |
| 8. Casimiro de Abreu | 17. Rio Bonito | 26. Valença |
| 9. Itaperuna | 18. Rio de Janeiro | 27. Volta Redonda |

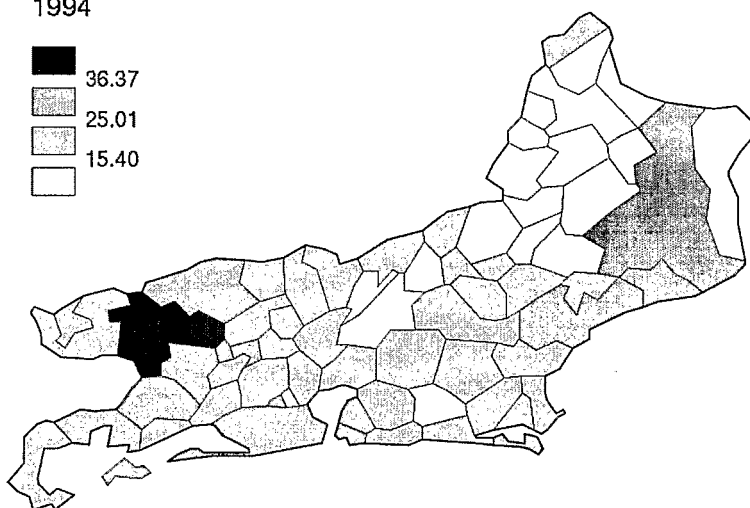


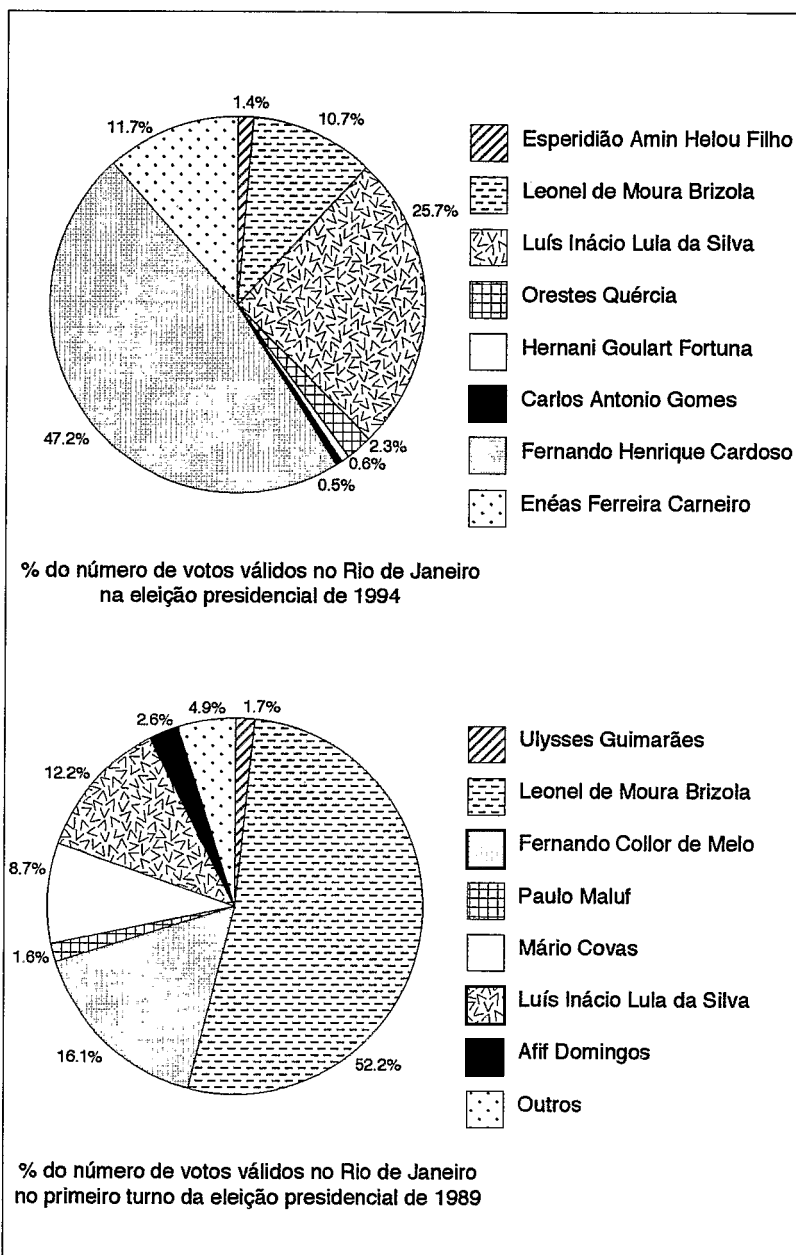
- | | |
|--------------------|---------------------------|
| 1. Duque de Caxias | 10. Rio de Janeiro |
| 2. Itaboraí | 11. São Gonçalo |
| 3. Itaguaí | 12. São João de Meriti |

% Fernando Henrique Cardoso
1994



% Luís Inácio Lula da Silva
1994





4.5 Rio Grande do Sul

1. Alegrete

2. Bagé

3. Bento Gonçalves

4. Cachoeira do Sul

5. Caxias do Sul

6. Erechim

7. Ijuí

8. Passo Fundo

9. Pelotas

10. Porto Alegre

11. Rio Grande

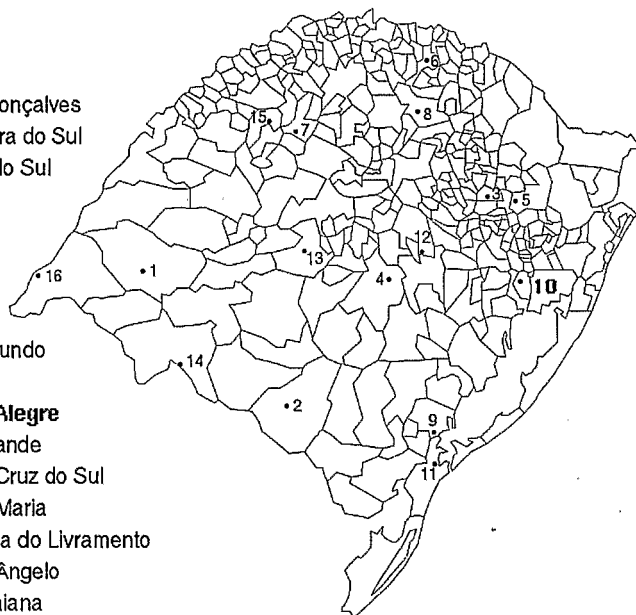
12. Santa Cruz do Sul

13. Santa Maria

14. Santana do Livramento

15. Santo Ângelo

16. Uruguaiana



1. Alvorada

2. Cachoeirinha

3. Campo Bom

4. Canoas

5. Charqueadas

6. Dois Irmãos

7. Eldorado do Sul

8. Estância Velha

9. Estelo

10. Glorinha

11. Gravataí

12. Guafra

13. Ivoti

14. Nova Hartz

15. Novo Hamburgo

16. Parobé

17. Portão

18. Porto Alegre

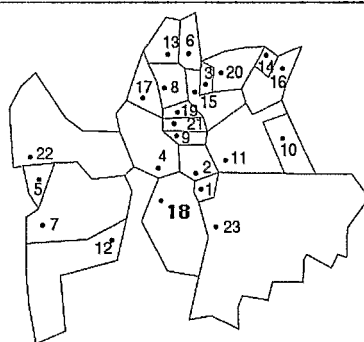
19. São Leopoldo

20. Sapiranga

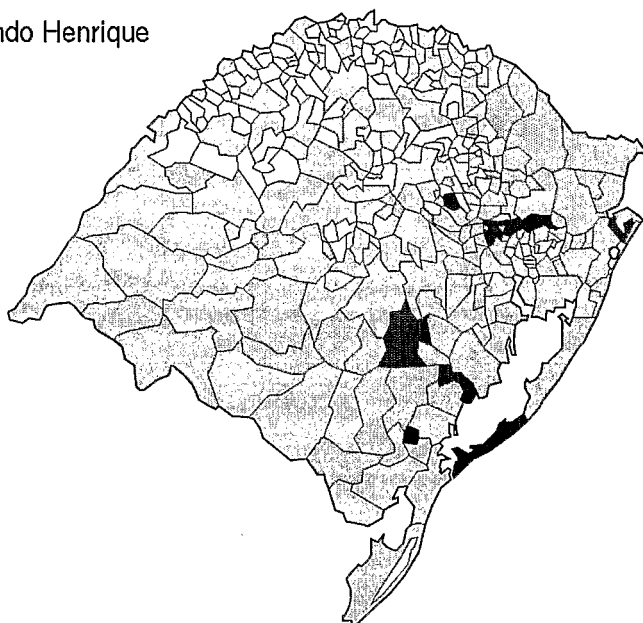
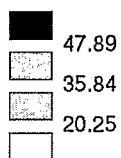
21. Sapucaia do Sul

22. Triunfo

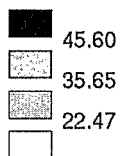
23. Viamão

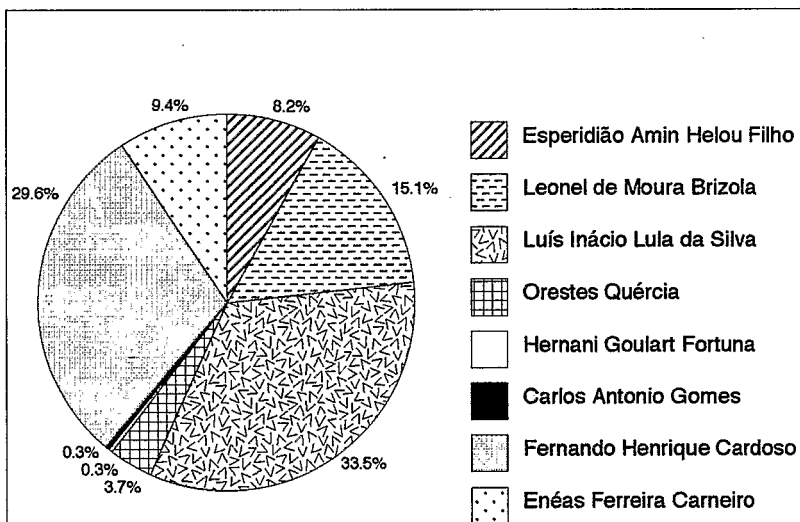


% Fernando Henrique
Cardoso
1994

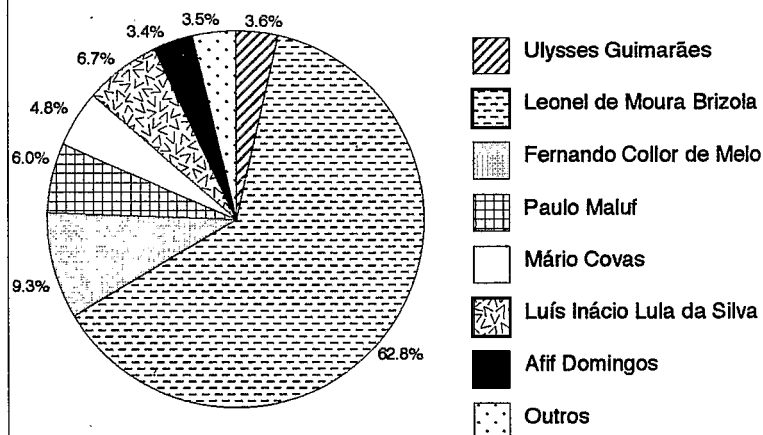


% Luís Inácio Lula da Silva
1994



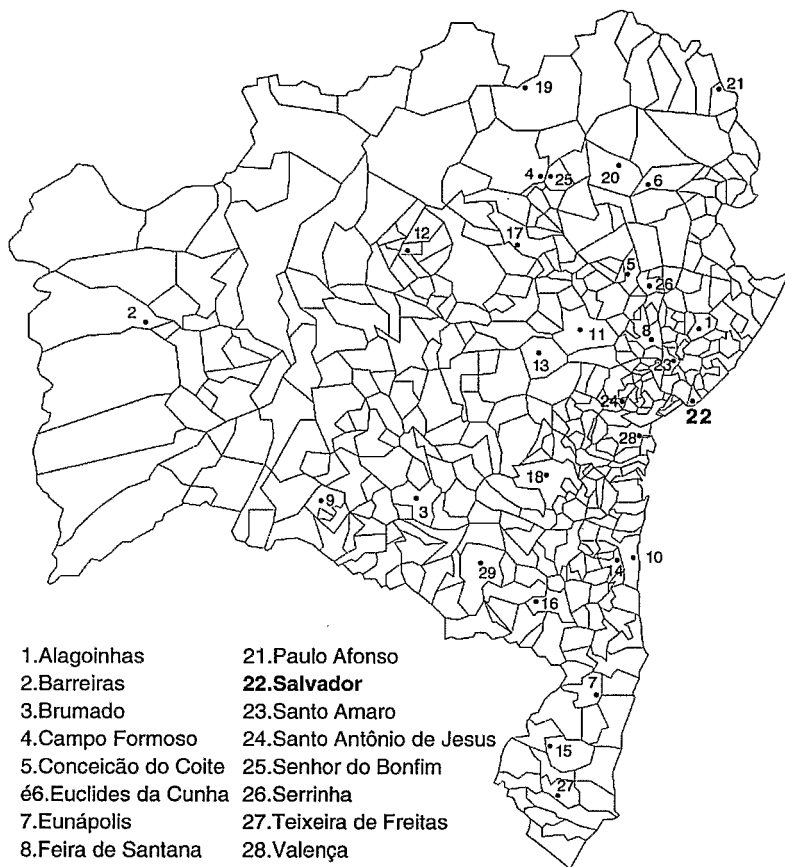


% do número de votos válidos no Rio Grande do Sul
na eleição presidencial de 1994



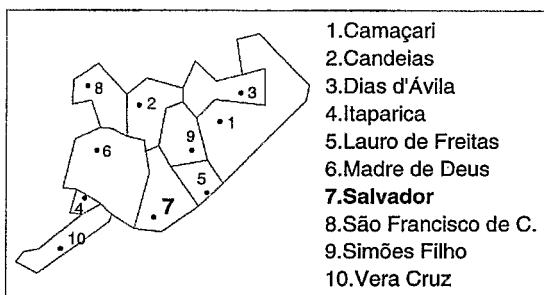
% do número de votos válidos no Rio Grande do Sul
no primeiro turno da eleição presidencial de 1989

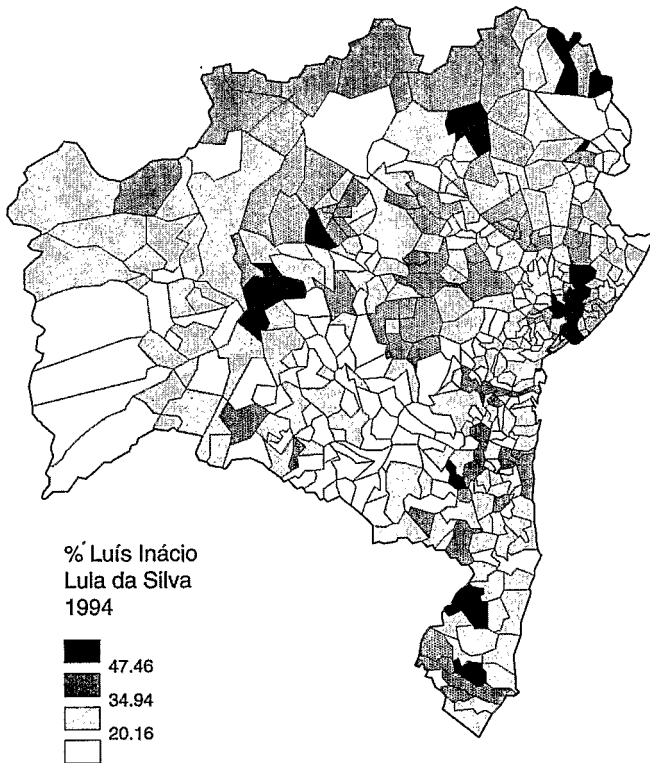
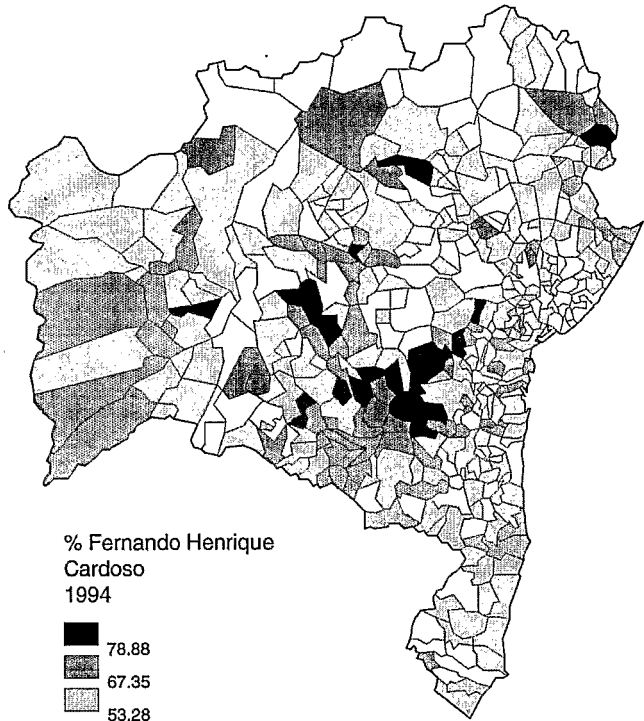
4.6 Bahia

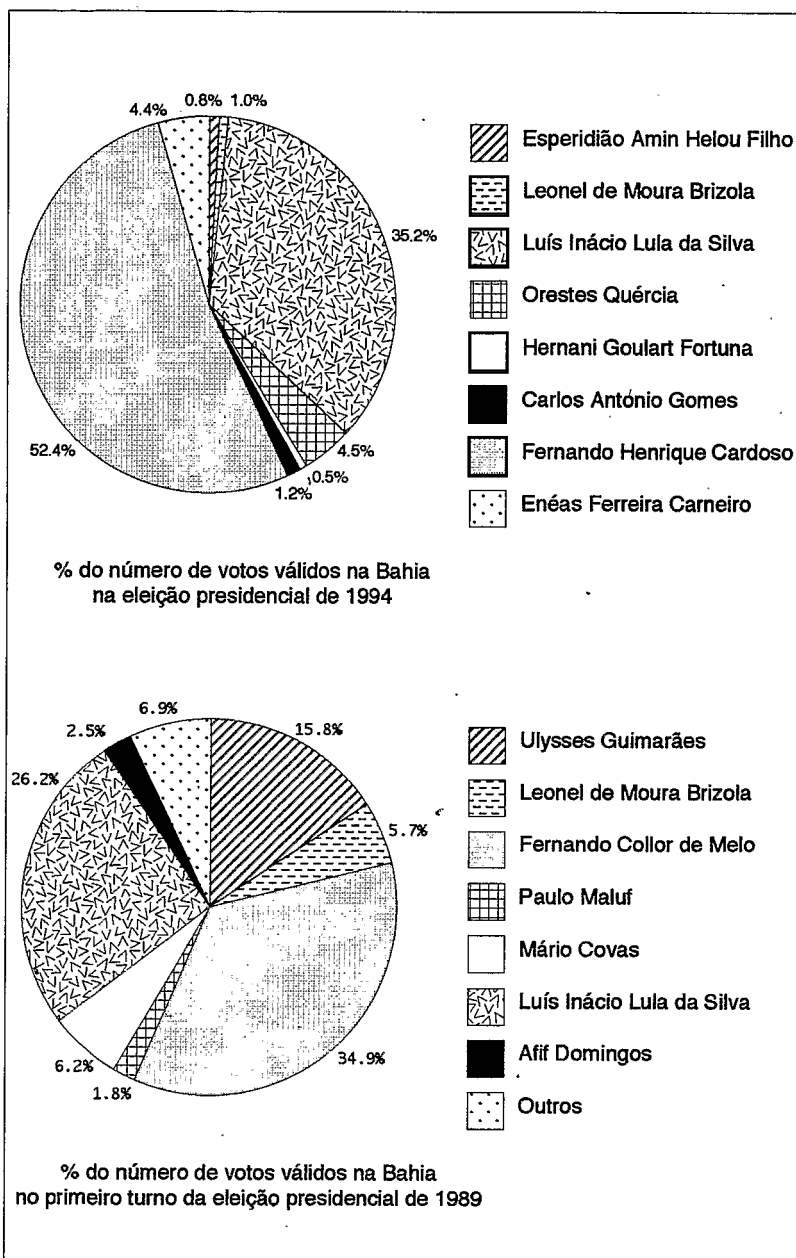


1. Alagoinhas
2. Barreiras
3. Brumado
4. Campo Formoso
5. Conceição do Coité
6. Euclides da Cunha
7. Eunápolis
8. Feira de Santana
9. Guanambi
10. Ilhéus
11. Ipirá
12. Irecê
13. Itaberaba
14. Itabuna
15. Itamaraju
16. Itapetinga
17. Jacobina
18. Jequié
19. Juazeiro
20. Monte Santo

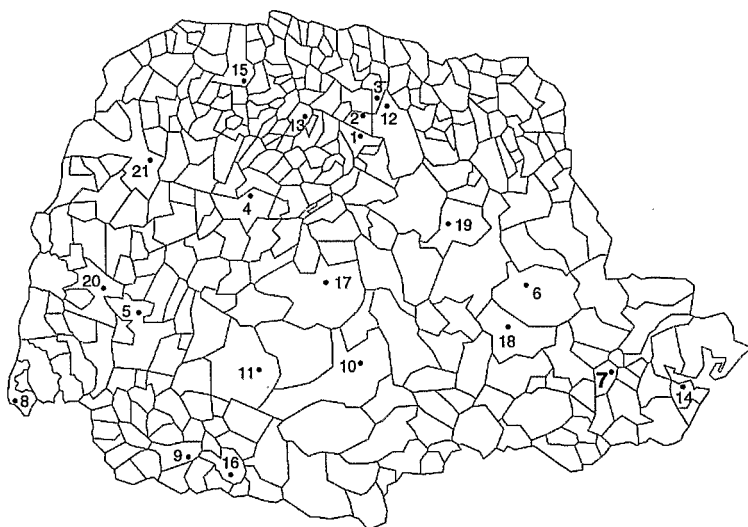
21. Paulo Afonso
- 22. Salvador**
23. Santo Amaro
24. Santo Antônio de Jesus
25. Senhor do Bonfim
26. Serrinha
27. Teixeira de Freitas
28. Valença
29. Vitória da Conquista



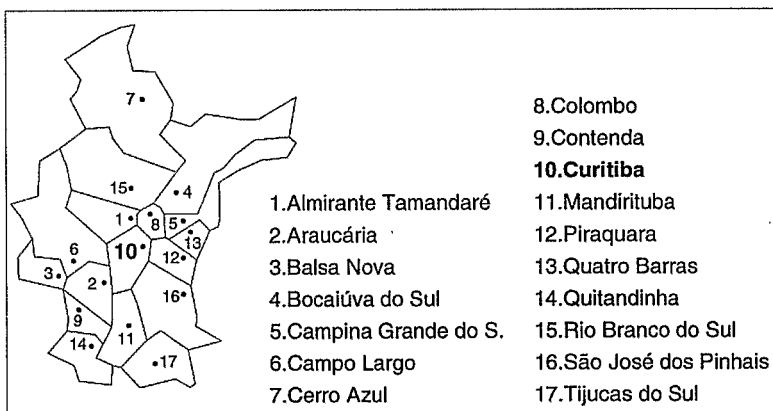




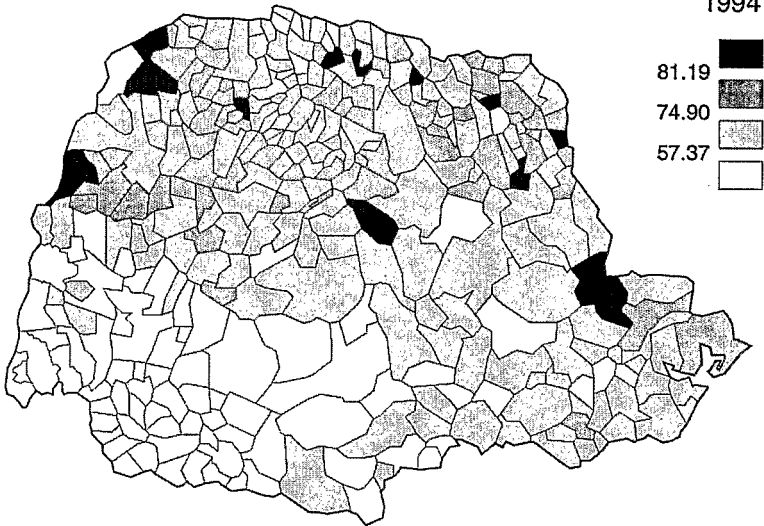
4.7 Paraná



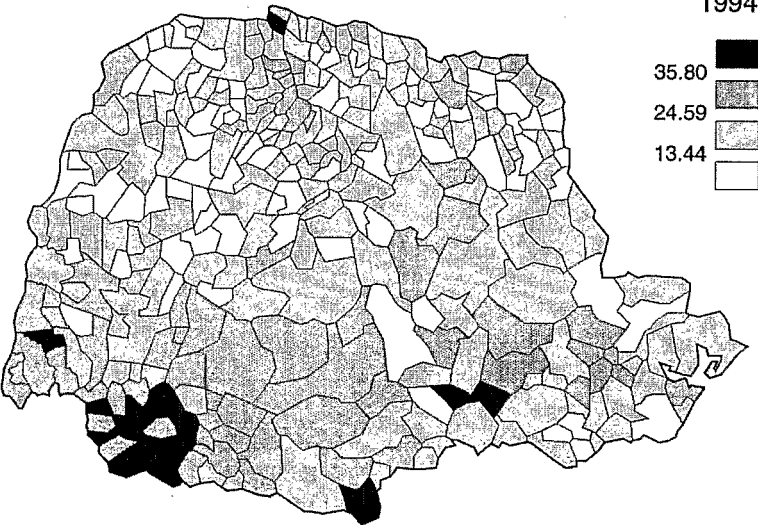
- | | | |
|-----------------|------------------------|--------------------|
| 1. Apucarana | 8. Foz do Iguaçu | 15. Paranavaí |
| 2. Arapongas | 9. Francisco Beltrão | 16. Pato Branco |
| 3. Cambé | 10. Guarapuava | 17. Pitanga |
| 4. Campo Mourão | 11. Laranjeiras do Sul | 18. Ponta Grossa |
| 5. Cascavel | 12. Londrina | 19. Telêmaco Borba |
| 6. Castro | 13. Maringá | 20. Toledo |
| 7. Curitiba | 14. Paranaguá | 21. Umuarama |

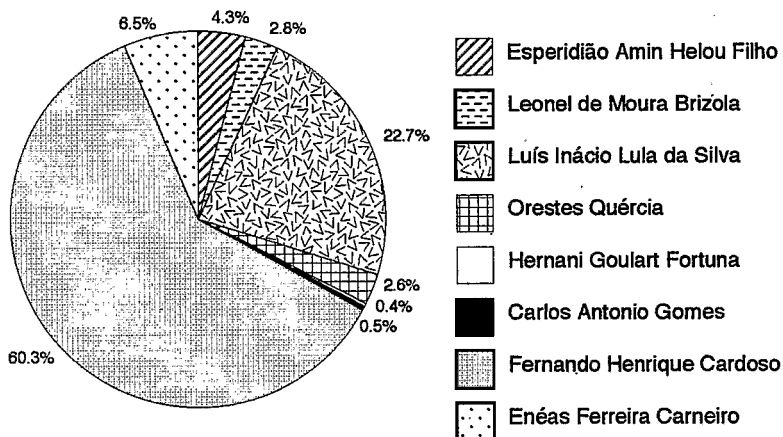


% Fernando Henrique Cardoso
1994

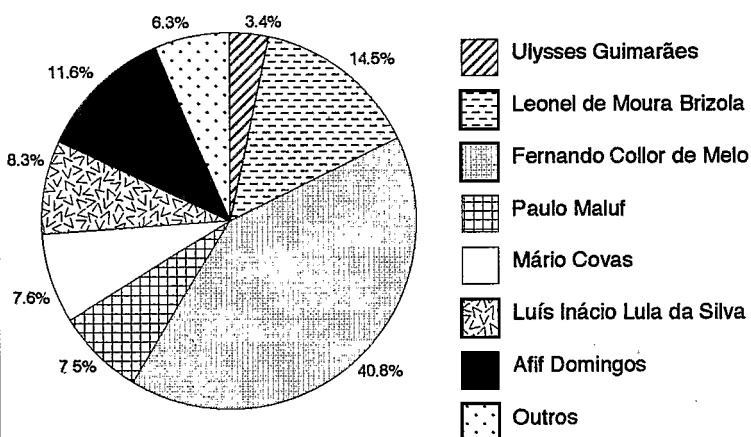


% Luís Inácio Lula da Silva
1994



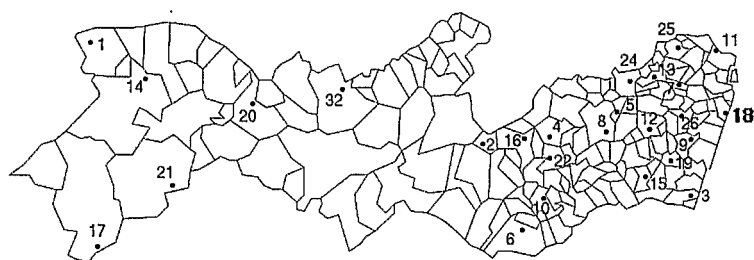


% do número de votos válidos no Paraná
na eleição presidencial de 1994

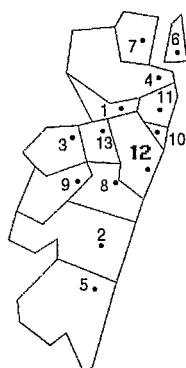


% do número de votos válidos no Paraná
no primeiro turno da eleição presidencial de 1989

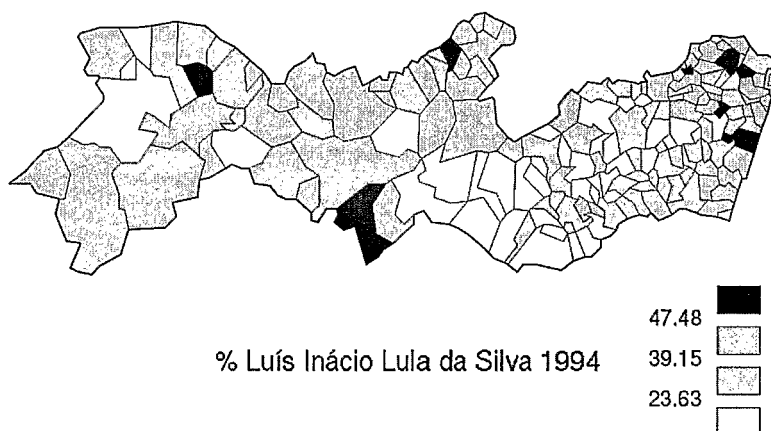
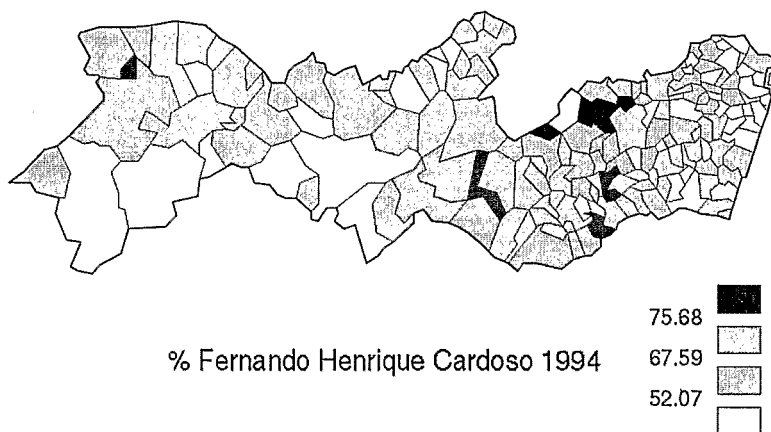
4.8 Pernambuco

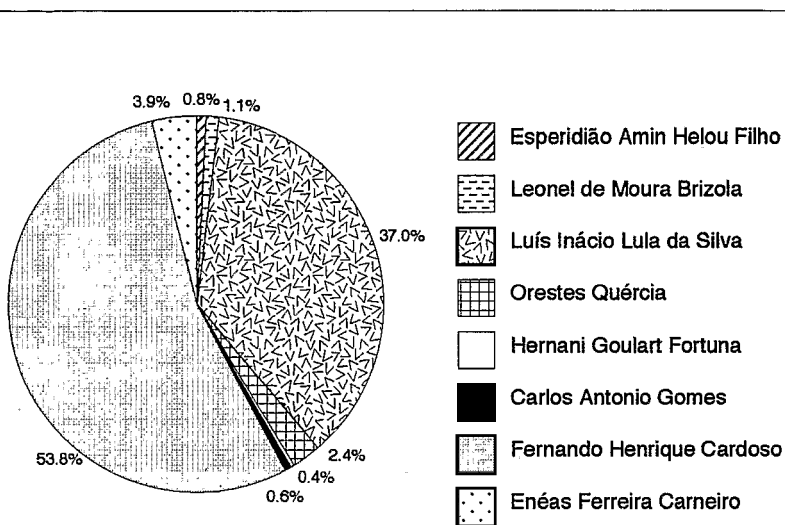


- | | | |
|-----------------|-------------------|------------------------------|
| 1. Araripina | 10. Garanhuns | 19. Ribeirão |
| 2. Arcoverde | 11. Golana | 20. Salgueiro |
| 3. Barreiros | 12. Gravata | 21. Santa Maria da Boa Vista |
| 4. Belo Jardim | 13. Limoeiro | 22. São Bento do Una |
| 5. Bezerros | 14. Ouricuri | 23. Serra Talhada |
| 6. Bom Conselho | 15. Palmares | 24. Surubim |
| 7. Carpina | 16. Pesqueira | 25. Timbaúba |
| 8. Caruaru | 17. Petrolina | 26. Vitória de Santo Antão |
| 9. Escada | 18. Recife | |

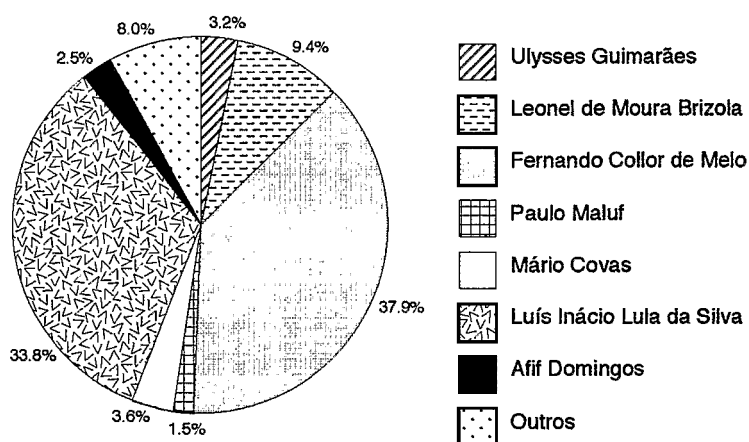


1. Abreu e Lima
2. Cabo
3. Camaragibe
4. Igarassu
5. Ipojuca
6. Itamaracá
7. Itapissuma
8. Jaboatão
9. Moreno
10. Olinda
11. Paulista
12. Recife
13. São Lourenço da Mata



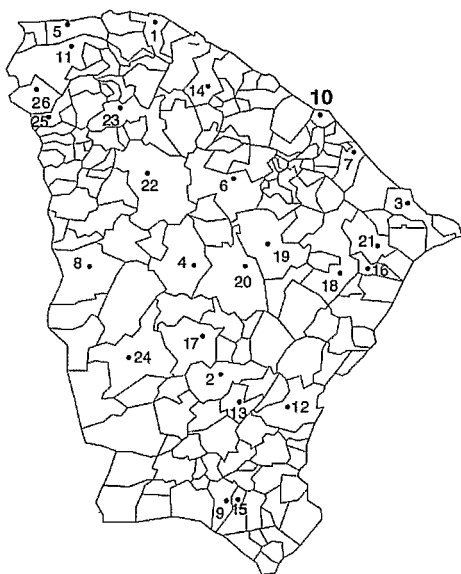


% do número de votos válidos em Pernambuco na eleição presidencial de 1994

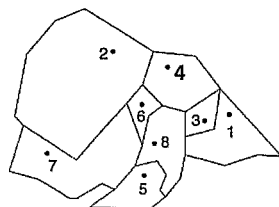


% do número de votos válidos em Pernambuco no primeiro turno da eleição presidencial de 1989

4.9 Ceará



1. Acaraú
2. Acopiara
3. Aracati
4. Boa Viagem
5. Camocim
6. Canindé
7. Cascavel
8. Crateús
9. Crato
- 10. Fortaleza**
11. Granja
12. Icó
13. Iguatu
14. Itapipoca
15. Juazeiro do Norte
16. Limoeiro do Norte
17. Mombaça
18. Morada Nova
19. Quixadá
20. Quixeramobim
21. Russas
22. Santa Quitéria
23. Sobral
24. Tauá
25. Tianguá
26. Viçosa do Ceará



1. Aquiraz
2. Caucaia
3. Eurébio
- 4. Fortaleza**
5. Guaiúba
6. Maracanaú
7. Maranguape
8. Pacatuba

